

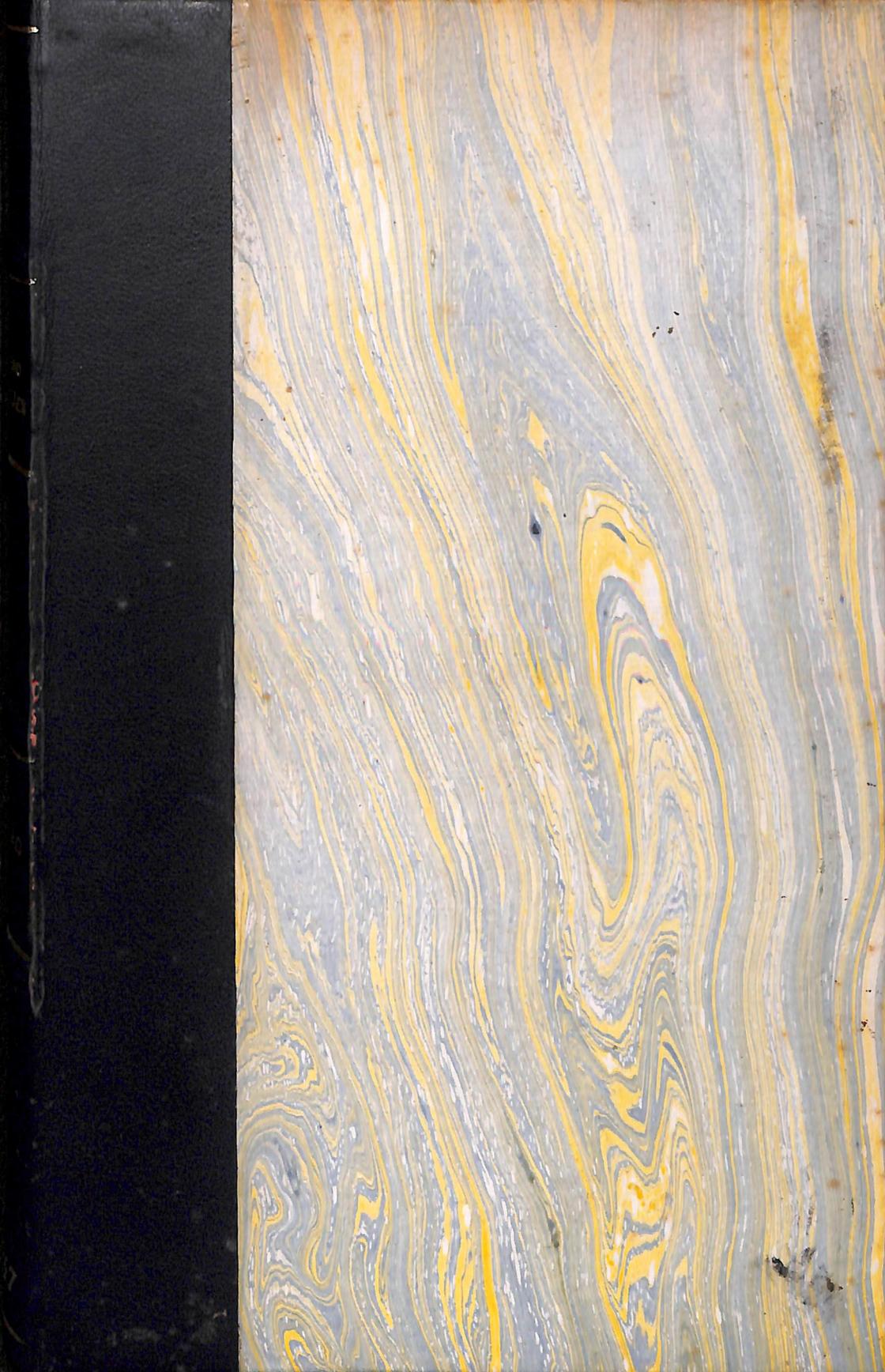
1861

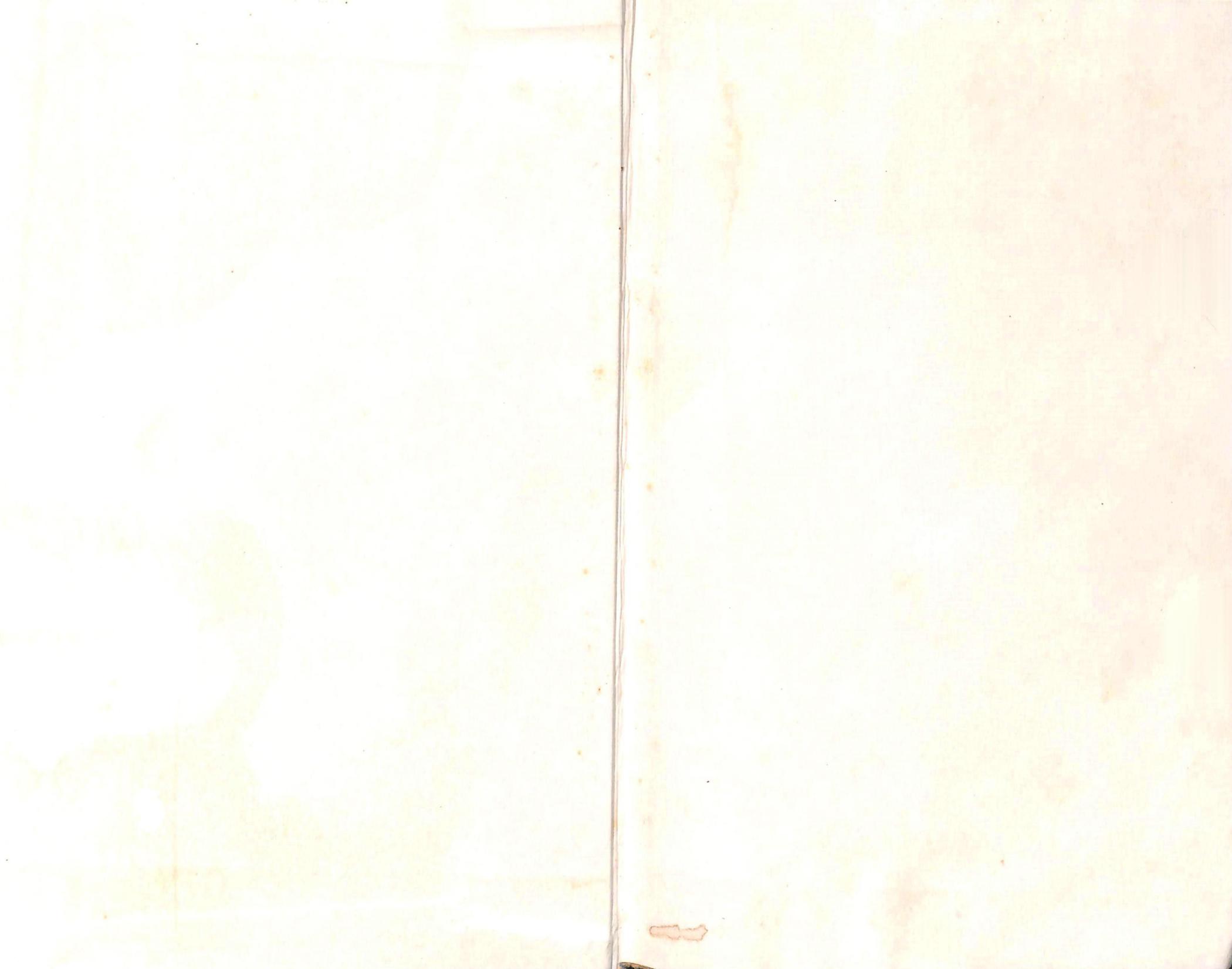
PUNICÃO

PUNICÃO

PUNICÃO

1861





F. PINHEIRO GUIMARAES.

PUNICÃO

DRAMA

EM 1 PROLOGO E 3 ACTOS.



FRANCISCO PINHEIRO GUIMARAES.

RIO DE JANEIRO.
Editor A. M. Coelho da Rocha.

(1864)

PUNIÇÃO.

DRAMA

Representado pela primeira vez no theatro Gymnasio pela Sociedade
Dramatica Nacional a 7 de Maio de 1864.

A

MEU MUITO PRESADO TIO E AMIGO

O ILLM. SR.

MANOEL JOAQUIM DA ROCHA.

Typographia Perseverança—rua do Hospicio n. 99.

PERSONAGENS.

Julia	Sra. D. Adelaide.
Clara	» D. Julia.
Magdalena	» D. Clelia.
Commendador Castro	Sr. Pedro Joaquim.
Augusto	» Paiva.
João Manoel	» Graça.
Salvador	» Lisboa.
Guilherme	» Vasques.
O vigario	» Guilherme.
O doutor	» Torquato.
Um pagem	» Campos.
Capangas	N. N.

Este drama não pôde ser representado sem previa licença do autor.

PUNIÇÃO.

PROLOGO.

O theatro representa a sala de uma pobre casa da raça. A's paredes de taipa mal rebocada estão suspensos alguns registros, uma espingarda e preparos de caça. A um canto vêm-se instrumentos de lavoura. Os trastes compõe-se de uma larga e massiça meza de jacarandá, de algumas cadeiras e mochos velhos.

SCENA I.

MAGDALENA COSENDO E JOÃO MANOEL EMBUTINDO UMA
CAIXINHA DE MADEIRA.

Ouve-se dentro um côro de negros.

UMA VOZ.

Quando vim de minha terra
Me chamava capitão ;
Agora em terra de branco
Pucha a enchada pai João.

PUNIÇÃO.

CORO.

Tra, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Tra, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Agora em terra de branco
Pucha a enchada pai João. (*)

JOÃO MANOEL.

Oh! mana Magdalena, que berraria é essa?

MAGDALENA.

São os escravos da fazenda do Turvo, que estão de fado na Ingaba Grande.

JOÃO MANOEL.

Pois o Commendador deixa-os cantar e dansar, quando tem ainda tanto café a recolher?

MAGDALENA.

Não foi elle quem lhes deu licença para folgar hoje. Apesar de ser domingo, se o filho não lhes servisse de padrinho, estariam no ceto como nos outros dias da semana.

JOÃO MANOEL.

Já me admirava, que o homem não é destas graças: Diz que viemos ao mundo para trabalhar e não para dansar. E

(*) A musica deste coro encontra-se no fim do livro.

se assim préga, assim pratica. E' um lavrador como ha poucos.

MAGDALENA.

Sim; mata os negros no serviço.

JOÃO MANOEL.

Mas não se poupa mais do que a elles. Muitas vezes o vi de pés no chão a incoivarar, ou de machado na mão nas derrubadas... E teve uma criação de príncipe. Justiça, justiça: é uma fortuna bem ganha; deu-lh'a a terra e o seu braço.

MAGDALENA.

Será o que quizeres; mas tem mãos bofes.

JOÃO MANOEL.

Não é dos mais macios, convenho; porém nunca tirou o alheio. Honrado até ali.

MAGDALENA.

Não é bastante ser-se honrado; é preciso tambem, não só não se perseguir o proximo, mas ainda fazer-lhe todo o bem possível. A quem ajudou elle? a ninguem. E quando um pobre pede-lhe uma esmola, responde sempre, vá trabalhar; não sustento a vadios.

JOÃO MANOEL.

Ninguem é obrigado a dar o que é seu.

PUNIÇÃO.

MAGDALENA.

Tambem não é só por isso que o tenho em conta de máo homem. Guarde o que lhe pertence ; mas não opprima os outros.

JOÃO MANOEL.

São mais as vozes, que as nozes.

MAGDALENA.

Já te não lembras da viuva do Martins, que elle correu das suas terras, pobre mulher carregada de sete filhos, só porque o mais velho não votou na chapa que elle lhe deu.

JOÃO MANOEL.

Quem mandou o rapazola metter-se em 'políticas? Era aggregado do Commendador, devia votar com elle. Quem come o pão...

MAGDALENA, deixando a costura sobre a cadeira, chega-se a João Manoel, e diz-lhe baixinho.

E a historia do Flavio?

JOÃO MANOEL, serio.

Não falles nisso, Magdalena; foi uma desgraça.

MAGDALENA.

Uma desgraça!... Um crime!

PROLOGO.

11

JOÃO MANOEL.

E's suspeita; tanto gostavas do Flavio como aborreces o Commendador.

MAGDALENA, indo sentar-se.

E não tenho eu razão? O Flavio fallava e ria-se para todos; o Commendador mal toca na aba do chapéo quando o saudam... E sempre tão carrancudo: aquillo são remorsos que lhe andam por dentro.

JOÃO MANOEL.

E' genio.

MAGDALENA, suspirando.

Pobre Flavio, lá está no cemiterio, e até os homens de bem desculpam o seu assassino!

JOÃO MANOEL.

Não sejas injusta. A morte do Flavio foi um crime, vá; mas um crime quasi desculpavel.

MAGDALENA.

Quasi desculpavel!!!

JOÃO MANOEL.

Sim; e a prova... Olha, Magdalena, acreditas que eu sou um malvado?

MAGDALENA.

Não, de certo.

JOÃO MANOEL.

Pois bem, eu no caso do Commendador talvez fizesse o mesmo que elle fez.

MAGDALENA.

Tu ?

JOÃO MANOEL.

Sim, eu. Sabes o que o Commendador, que nesse tempo, não era nem Commendador, nem rico, soffreu do Flavio ?

MAGDALENA.

Sei ;... Isto é ; tem-se-me contado... Umas bagatellas...

JOÃO MANOEL.

Não sabes tal. Nesse tempo estavas residindo na cidade com teu marido, que Deus haja, e não presenciaste tudo como eu ; ouves o que contam os seus inimigos. Flavio ria-se para todos, como dizes, com tanto que a todos dominasse. O Commendador, apesar de ser principiante nessa época, não era homem que aceitasse canga. A proposito de não sei que, tiveram uma desavença. Desde então o Flavio poz-se a fazer ao Commendador, que era seu visinho, quanta picuinha passava-lhe pela cabeça. Matava-lhe o gado, dizendo que este entrava pelas suas terras ; levantou um açude só

para impedir que o engenho do Turvo trabalhasse ; persegui-o, emfim, com toda a casta de patifaria. O Commendador poz-lhe demandas. Perdeu-as todas ; que o Flavio era o senhor da terra. Não contente com isto, Flavio, quando venceu a ultima, mandou espera-lo no arraial, e atirar foguetes do ar e bombas, que arrebetavam mesmo debaixo dos pés do cavallo que o Commendador montava.

MAGDALENA.

Foi mal feito ; mas isto não justifica...

JOÃO MANOEL.

Escuta ainda. Um dia, estava eu em casa do Commendador ; ouvimos de repente o barulho de uma derrubada que se fazia nas terras do Turvo. Elle não ordenára nenhuma ; correu pois admirado para o lugar d'onde vinha o estrondo ; e eu atraz delle. Sabes quem encontrámos ?

MAGDALENA.

Não.

JOÃO MANOEL.

Flavio á testa de seus escravos armados até aos dentes, e pondo abaixo uma mataria que pertencia ao Commendador, mas pegava com as terras d'elle.— Sr. Flavio, disse o Commendador contendo-se, este mato pertence-me.— Deverás ? perguntou Flavio, rindo-se.— Não consentirei que assim damnifique a minha propriedade, continuou o Commendador.— Pois queixe-se ao bispo, retrucou Flavio. Anda rapazes, abaixo com este cedro. E os machados começaram

a bater e o cedro a estalar.—Sr. Flavio, disse então o Commendador com os dentes cerrados e branco como um defunto; previno-o que, se deitar abaixo este mato, não queima, se queimar não planta, se plantar não colhe; isto juro-lhe eu. —Veremos, disse Flavio. E o Commendador sem dizer mais palavra voltou para casa. Os olhos fuzilavam-lhe, e, quando um estrondo mais forte do que os outros annunciava a queda de alguma arvore grande, estremecia dos pés até á cabeça. Flavio derrubou, queimou e plantou; mas quando ia colhêr, o Commendador sahio-lhe ao encontro, e, frente a frente, varou-lhe o peito com uma bala.

MAGDALENA.

Ninguem o perseguio?

JOÃO MANOEL.

Os capangas de Flavio quando deram accordo de si, já o Commendador estava longe. Escondeu-se por algum tempo. Porém o fallecido não tinha parentes; o governo na côrte estava mudado; os visinhos todos deram razão ao Commendador, que voltou dali a pouco para sua casa. Não ha quinze dias que o ouvi dizer com todo o socego: — Flavio era um ladrão; não tinha outro recurso contra elle: matei-o.

MAGDALENA.

Porém, matar assim um homem como se fosse um cão!

JOÃO MANOEL.

E' duro, é. Mas tambem abrir em mato virgem uma

fazenda, trabalhal-a annos e annos, derramar muito suor para tornal-a rendosa, e vir um malvado destruil-a, apoiando-se nas leis que o deviam castigar, ou, melhor, nos juizes que o deviam perseguir, não é menos duro.

MAGDALENA.

Dize o que quizeres, o Commendador não é boa peça.

JOÃO MANOEL.

Pois fica com a tua opinião que eu ficarei com a minha. Demais devo-lhe favôres; fui seu arreiador muitos annos, sou seu aggregado, e nunca me maltratou.

MAGDALENA.

Nunca lhe dêste motivo. E ainda o anno passado nada recebeste pelo concerto do seu engenho.

JOÃO MANOEL.

Não foi por culpa delle: eu, é que não quiz accitar paga. Mas seja como fôr, peço-te que não falles mal delle. (Ouve-se o coro dentro.)

UMA VOZ.

Dês que nasce té que morre
Leva o negro a trabalhar;
Só depois no cemiterio
E' que póde descansar.

CORO.

Trá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Trá, lá, lá, lá, lá, lá, lá,
Só depois no cemiterio
E' que póde descansar.

JOÃO MANOEL.

Malandros, como berram!

MAGDALENA.

E tu, quando até os escravos se divertem, estás ahi a trabalhar desde pela manhã. Em dia santo! Até é peccado.

JOÃO MANOEL.

Qual peccado, peccado é vadiar. Não estás tambem a coser?

MAGDALENA.

Isto não cança.

JOÃO MANOEL.

Nem isto. (Indo a Magdalena, e mostrando-lhe a caixinha.) Vê que linda caixinha; toda embutida de madeiras da nossa mata. Aqui está o araribá com os seus veios côr de rosa, o pequiá que parece um setim amarello, a cabiúna, negra como tinta d'escrever, o ipê e a bicuíba... Não a achas bonita?

MAGDALENA.

Acho, acho! Todo o mundo sabe, que, apesar de seres

simples curioso, não temos carapina que te valha. Mas não me dirás que mania é esta de fazer caixinhas? Ha uma porção de tempo que não tens outra vida. Vens de noite cansado da roça, e, mal comes um bocado, atiras te a ellas. Nos domingos é logo pela manhã. Não sei que lucro esperas disso: ninguem t'as compra.

JOÃO MANOEL.

Curiosa, o que queres é descobrir o meu segredo.

MAGDALENA.

Se m'o dissessem...

JOÃO MANOEL.

Já?

MAGDALENA.

Porque não?

JOÃO MANOEL.

Pois bem; vá lá. Ha seis mezes, veio aqui o Antonio mascate, e depois de ter-lhes vendido umas chitas, mostrou á pequena um par de brincos com uns brilhantinhos.

MAGDALENA.

Lembro-me.

JOÃO MANOEL.

Julia mirou-os por muito tempo; prendeu-os ás orelhas;

olhou-se ao espelho, e rio-se de contente; mas logo ficou triste, e tirando os brincos deu-os ao mascate, dizendo com um suspiro: — são ricos de mais para mim. Fiquei com o coração apertado; porque comprehendí o quanto ella os desejava; e não poder compra-los, doia-me, doia-me como não imaginas. Pela primeira vez, Magdalena, invejei os ricos.

MAGDALENA.

Pobre irmão.

JOÃO MANOEL.

O Antonio, porém, vio em cima da mesa uma caixinha como esta, que eu fizera para dar de mimo a Julia no dia de seus annos, e depois de viral-a e reviral-a, disse-me: — João, esta caixinha em uma vidraça da rua do Ouvidor, com a declaração de que vinha de França, valia bem bons cobres.

MAGDALENA.

Foi tal e qual.

JOÃO MANOEL.

Tive logo uma idéa; vais ver que boa idéa. Esperei-o fóra; e quando sahio, perguntei-lhe: — Quanto valem os seus brincos? — Cincoenta mil réis. — Nunca tive tanto dinheiro junto, respondi-lhe; mas por quantas caixinhas como aquella que vio, berganha-os você? Olhou-me, calculou e disse: — Por dez. — Bem; vem buscal-as daqui a tres mezes. Elle deu alguns passos; mas voltou logo dizendo: — Olha, não

haja enganar, são dez caixinhas por um brinco; o par vale vinte. O ladrão roubava-me; porém que remedio: — Vá lá, respondi-lhe; volta daqui a seis mezes. — Dar-me-has as caixinhas? — Sim! E tú os brincos. — Está dito. Hoje fazem justamente seis mezes que isso foi. Elle pousou hontem em casa do visinho Pereira, e a ultima caixinha aqui está.

MAGDALENA.

Como és bom, como és bom!

JOÃO MANOEL.

Ora, não mereço tanto. O que eu quero é que me faças um favor.

MAGDALENA.

O que?

JOÃO MANOEL.

Não dirás nada a Julia, sim? Desejo surprehende-la.

MAGDALENA.

Não abrirei boca.

JOÃO MANOEL.

As outras caixinhas já foram adiante, eu levo esta. Que festa para mim e para ella! (Tira o chapéo que está n'um prego da parede á E. A.) Até já, mana. (Vai a sahir.)

SCENA II.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA, entrando D. A.

Vai sahir, meu pai?

JOÃO MANOEL, voltando-se.

Sim; mas volto d'aqui a pouco. Ah! como está bonita!
Toda secia... com o seu vestido branco, ah! ah!

JULIA.

Meu pai diz-me isto todos os dias.

JOÃO MANOEL.

E' que na verdade; não é por ser minha filha; mas não
ha em todas estas redondezas, uma rapariga puba, como
a minha Juliasinha. Não é assim, mana Magdalena?

MAGDALENA.

Sim, é. Mas se ella não tivesse muito juizo, já teria ficado
tola e presumida com os teus constantes elogios.

JOÃO MANOEL.

Ora viva; eu cá digo o que sinto. Pão, pão, queijo, queijo.
A's vezes perguntava a mim mesmo, como era que eu,
João, feio, grosseiro e mal juntado, era pai deste anjinho.
Só ha dias pude entender isto, que me parecia contrario
ás leis da natureza.

MAGDALENA.

Deveras!

JOÃO MANOEL.

Passava pela mata e, vejo um tronco, pôdre, rugôso, es-
calavrado e negro; e em cima delle uma flôr linda, linda a
não poder ser mais. Ai! aqui está a explicação que eu
procurava. Julia é a flôr, eu sou o tronco; a differença é,
que a flôr vive do tronco e eu da vida de Julia.

JULIA, atirando-se nos braços de João Manoel.

Pai namorado, aqui está o seu castigo por me andar
perdendo com lisonjas: tome, tome. (Beija-o e abraça-o.) Não
fiz bem, titia, em castigal-o?

MAGDALENA, rindo-se.

Fizeste, filha; mas desconfio que ainda assim o maldito
não se corrige. Anda, velho babão, vai tratar da tua vida

JOÃO MANOEL, tomando a caixinha, e sahindo.

Volto já, volto já!

SCENA III.

JULIA E MAGDALENA.

JULIA.

Titia, o que tem meu pai que está tão alegre?

PUNIÇÃO.

MAGDALENA.

Elle nunca foi bisonho.

JULIA.

Mas hoje está como nunca o vi; a não ser no dia em que cheguei da villa.

MAGDALENA.

Tambem pareces contente como um patinho n'agua.

JULIA.

Despertei com um gaturamo a cantar junto da minha janella; ao sair encontrei a minha roseira, que suppunha morta, coberta de flôres; quando aqui entrei, o rosto de meu pai resplandecia de prazer, o seu está radiante: que preciso eu mais para ser feliz?

MAGDALENA.

Boa Julia!

JULIA.

Pórem, titia, ainda não me disse o que tinha meu pai para estar tão alegre. Ha alguma novidade?

MAGDALENA.

Ha... (Vai á D. arranjar a costura, e a põe n'um cesto que está perto da cadeira) Isto é; não ha nada.

JULIA

Minha tia occulta-me alguma cousa. Debalde se esforça; não sabe mentir.

MAGDALENA.

Não... não minto. Teu pai quer... (Pausa.)

JULIA.

Então, minha tiasinha?... Sabe que sou curiosa como...

MAGDALENA.

Como um homem.

JULIA.

E' isso mesmo. Mas meu pai quer...

MAGDALENA.

Cala-te. Prometti não revelar-te nada.

JULIA.

Um segredo! Um mysterio! Vamos, diga, titia: eu não conto a papai.

MAGDALENA.

Nada; não quebro a minha promessa.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Que crueldade!... Fico tão anciosa.

MAGDALENA.

O que te posso assegurar é que terás uma surpresa, que te agradará muito... Já não sabes pouco.

JULIA.

Minha tiasinha!...

MAGDALENA.

Vou-me embora, feitiçeira. (Tomando a cesta.) Far-me-hias faltar á minha palavra. (Dirige-se para dentro — D. B.)

JULIA, procurando retê-la.

Titia:

MAGDALENA, correndo para dentro, e fechando a porta.

Cruz, tentação!

JULIA, batendo á porta.

Então é um presente?

MAGDALENA, de dentro.

Pois bem, é!... Não digo mais nada.

JULIA.

Bonito?

MAGDALENA.

Lindo.

JULIA.

Já advinhei.

MAGDALENA.

Pois dize, se és capaz.

JULIA.

Ora, vejam! E' um córte de vestido.

MAGDALENA.

Erraste. E' um par de brincos.... Ai! que faltei á minha promessa!

JULIA, rindo-se.

Obrigada, titia.

MAGDALENA.

Demoninho, has de me pagar.

SCENA IV.

JULIA só, E DEPOIS AUGUSTO.

JULIA, tira do bolso um trabalho de crochet, e vai á janella da E. A. cantando.

Os céos anilados,
Os campos em flôr,
As aves, a brisa
Me falam de amor.

Até o ribeiro
No seu murmurar
Me diz, ó donzella,
Tu deves amar.

Meu peito transborda
De doce emoção
E... (*)

AUGUSTO, entrando pelo fundo com a physionomia transtornada.

Estás só, Julia?

JULIA.

AL! (Dando com Augusto.) Céos, Augusto; o que tens?

AUGUSTO.

Sou o mais desgraçado dos homens!

(*) A musica vem no fim do drama.

JULIA.

Desgraçado! Porque? O que houve? O que te aconteceu?

AUGUSTO.

Hoje decedi-me; falei a meu pai sobre o nosso casamento.

JULIA.

E então?

AUGUSTO.

Contava que elle se oppuzesse; mas esperava que os meus rogos, o meu pranto o vencessem. Nada consegui. A's minhas preces respondeu com epigrammas, ás minhas lagrimas com insultos. Os olhos se lhe accenderam em ira. Confesso, Julia, cheguei a ter medo d'elle.

JULIA.

Desgraçada de mim! E eu que ainda ha pouco me suppunha tão ditosa! Oh! o coração é um grande enganador... E o que ha de ser de nós, Augusto? Hão de talvez separar-nos.

AUGUSTO.

Não; nunca! Porque não se separa a luz da chamma; porque eu te amo com todas as forças do meu coração; porque desde que te vi senti que era teu, todo teu. A minha vida até então se escoára nas trévas; tu vieste, anjo querido, e a illuminaste com os esplendores do céo.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Meu Augusto !

AUGUSTO.

Sim, teu, sempre teu.

JULIA.

Porém, teu pai ?

AUGUSTO.

Não tenho pai.

JULIA.

Não digas isto.

AUGUSTO.

Não tenho pai. Um pai é a caridade sem limites, o amor infinito, a dedicação inexgotavel, a protecção extrema, e esse barbaro que me deu a vida, está fazendo-me soffrer as torturas do inferno... Se visses com que dureza me tratou... Mas não hade vencer.

Augusto.

JULIA.

AUGUSTO.

Heide mostrar-lhe que sou seu filho. Arrostal-o; lutar com elle.

JULIA.

O que pretendes fazer ? Assustas-me.

AUGUSTO, tomando a mão de Julia.

Fugir contigo.

JULIA, retirando a mão.

Fugir!... Quem?... Eu?

AUGUSTO.

Sim ; comigo. Iremos para bem longe. Por toda a parte ha trabalho ; uma cabana depressa se ergue, e nós a tapizaremos de felicidade.

JULIA.

Fugir !... Deixar meu pai !

AUGUSTO.

Elle nos perdoará.

JULIA.

E' uma loucura... Não pensaste... Não tiveste tempo de meditar.

AUGUSTO.

Ha momentos solemnes na vida em que se pensa mais

n'um segundo do que em todo o resto da existencia...
Pensei muito.

JULIA.

Para que lançar mão já desse meio? Se esperassemos...
Mais tarde... quem sabe?... teu pai se abrandaria, e
então...

AUGUSTO.

Não conheces aquelle coração de bronze, aquella von-
tade inflexivel e inclemente.

JULIA.

Mas...

AUGUSTO.

Se me amas, não hesites.

JULIA.

Amo-te muito, Augusto; porém deixar meu pai, tão bom,
tão carinhoso, entregue á dôr e á vergonha; não devo,
não quero, não posso fazel-o.

AUGUSTO.

Preferes ver-me morrer de desesperação?

JULIA.

Isto é atroz. Porque me collocas entre ti e elle? Pobre

velho, de quem sou o unico consolo, a unica riqueza, a
unica alegria neste mundo.

AUGUSTO.

Mas tu me amas, não é assim? Se eu morresse soffre-
rias?

JULIA.

Oh! não me fales em morrer.

AUGUSTO.

Pois bem, se me não acompanhares, juro-te...

JULIA.

Augusto!

AUGUSTO.

Decide.

JULIA.

E meu pai, meu pai!

AUGUSTO.

Teu pai te ama e nos perdoará. Virá viver connosco;
abençoará a nossa união.

JULIA.

Se o consultassemos?

AUGUSTO.

Não. E' orgulhoso; seria o primeiro a expulsar-me de sua casa.

JULIA.

E minha tia?

AUGUSTO.

Tambem tudo deve ignorar. Attende-me Julia. Sou, ou não sou, perante Deus o escolhido do teu coração, teu marido, emfim?

JULIA.

Sim, és.

AUGUSTO.

Então, porque não confias em mim? Por ventura não serei bastante forte, bastante digno para velar sobre ti; para te dirigir e amparar?

JULIA.

Mas...

AUGUSTO.

E não vês que não ha outro caminho a seguir? Que se ficarmos mais um dia, mais algumas horas, meu pai de um modo ou de outro, nos separará talvez para sempre?

JULIA.

E' verdade; porém... Como soffro!

AUGUSTO, tomando-lhe as mãos.

Oh! não hesites mais. Partamos!

JULIA.

Irei, Augusto, irei.

AUGUSTO.

Obrigado, obrigado. (Beija-lhe as mãos.) D'aqui a um quarto de hora, junto do jequitibá, encontrar-me-has esperando-te com os cavallos, que nos devem levar para bem longe. Repete-me que irás.

JULIA.

Irei.

AUGUSTO.

D'aqui a um quarto de hora estarás prompta?

JULIA.

Estarei.

AUGUSTO.

Ainda uma vez, obrigado. Até lá, Julia. (Julia acompanha-o até á porta, e volta cambaleando sentar-se em uma cadeira á D.)

SCENA V.

JULIA só, e depois JOÃO MANOEL.

JULIA.

Meu pobre pai !

JOÃO MANOEL, entrando do F. D.

Apre ! Nunca me pareceu tão longe a casa do visinho Pereira.

JULIA, levantando-se confusa.

Já de volta, meu pai ?

JOÃO MANOEL.

Fui e vim a correr.

JULIA.

Porque tanta pressa ?

JOÃO MANOEL.

Porque !... Prepara-te para ficar contente, e dar umas beijocas em teu velho pai. Fui buscar-ta isto. (Mostra-lhe uns brincos.) Que tal ? São bonitos ?

JULIA, indiferente.

Sim ; são.

JOÃO MANOEL, tristemente.

Nem para elles olhaste. Pois estas pedrinhas reluzentes custaram-me seis mezes de trabalho.

JULIA, atirando-se nos braços de João Manoel.

Meu bom pai ! (A meio voz.) Não partirei.

JOÃO MANOEL.

O que é que dizes ? Partir !

JULIA, embaraçada.

Eu não disse nada.

JOÃO MANOEL.

E ficaste satisfeita com o meu presente ?

JULIA.

Muito ; porém um simples abraço seu dar-me-hia mais prazer.

JOÃO MANOEL.

Pois toma o abraço : os brincos vão de quebra.

JULIA, recebendo os brincos.

Obrigada, obrigada.

JOÃO MANOEL, tomando-lhe os brincos.

Deixa limpá-los; o meu bafo embaciou-os. (Vai mais ao fundo, perto da janella, e esfrega os brincos na manga da jaqueta.)

JULIA, a meia voz.

Mas Augusto... Que luta! que luta! (Encosta-se na cadeira á D.)

JOÃO MANOEL, descendo.

O que tens, filha? Essa commoção não é natural. Falas sosinha... (Tomando Julia pelas mãos.) Que, choras!

JULIA.

Nada tenho, meu pai... O abalo... a gratidão...

JOÃO MANOEL.

Estarás doente!

JULIA.

Asseguro-lhe que não é nada... Já passou. (Esforçando-se para sorrir.) Veja... estou-me rindo... Deixe-me guardar o seu presente. Ainda um abraço, meu pai. (Aperta o pai entre os braços, e quando vai a sair D. B. dá com Magdalena.) Minha segunda mãe!

MAGDALENA, sorprendida.

O que tens, menina?

JULIA.

O prazer... a alegria... nada mais. (Beija muita vezes Magdalena, e sahe correndo pela D. B.)

SCENA VI.

JOÃO MANOEL, MAGDALENA, E DEPOIS O COMMENDADOR.

JOÃO MANOEL, seguindo Julia com os olhos.

Comprehendes isto, Magdalena? Julia em vez de ficar alegre com o presente que lhe trouxe; chorou, fallou sosinha, e sahio no estado de perturbação em que a viste... Estou admirado.

MAGDALENA.

E eu não. E' porque és homem, e os homens não podem fazer idéa do que para nós mulheres valem essas tetéas. Um par de brincos de brilhantes!—não é qualquer cousa. A pequena perdeu a cabeça.

JOÃO MANOEL.

Póde ser esta a explicação; nem vejo outra mais razoavel... Não; não póde ser. Ha em tudo isto o quer que seja de extraordinario. A alegria só não produz o que vimos... Quem sabe se estará doente?

MAGDALENA.

Qual. Socega: a estas horas mira-se ao espelho com os seus brincos novos.... Isto de moças são todas assim.

PUNIÇÃO.

JOÃO MANOEL.

Mas notei...

COMMENDADOR, da porta do F.

Dá licença, João Manoel ?

JOÃO MANOEL.

O Sr. Commendador por aqui? A casa é sua.

COMMENDADOR, entrando.

Tenho negocios sérios a tratar com. você, e preciso falar-lhe em particular.

JOÃO MANOEL.

Deixa-nos, Magdalena. (Magdalena sahe D. B.— João Manoel offerece um mocho ao Commendador.)

COMMENDADOR, sentando-se.

Traz-me aqui, João Manoel, negocio grave.

JOÃO MANOEL.

Negocio grave!

COMMENDADOR.

Muito grave. Trata-se da nossa paz domestica.

JOÃO MANOEL.

Não atino.

COMMENDADOR.

Conhego-o de ha muito, e sei que é homem de bem.

JOÃO MANOEL.

Tenho cincoenta annos de pobreza honrada!

COMMENDADOR.

Estou, pois, certo, que ignora o que vai por sua casa.

JOÃO MANOEL.

Por minha casa ?!

COMMENDADOR.

Se o soubesse, teria de certo posto cobro a uma trama pouco delicada, urdida por sua filha, naturalmente industriada pela tia, e que deve tira-las da posição em que se acham, para leval-as a uma altura, que não têm direito de ambicionar.

JOÃO MANOEL.

Sr. Commendador, não entendo bem o que me está dizendo, mas parece-me, que nas suas palavras ha immerecida offensa á minha gente.

COMMENDADOR.

Desculpe a franqueza; mas o negocio é serio e não

permite phrases ambigüas. Metteu-se nessas duas cabeças desmioladas arranjarem com que meu filho se namorasse de sua filha.

JOÃO MANOEL.

Isto é uma calúnnia, uma infâmia! Seu filho é certo, apparece a miúdo por aqui; mas juro-lhe que nunca percebi cousa alguma.

COMMENDADOR.

E' sempre assim. O dono da casa é o ultimo que sabe do que nella se dá. Porém posso assegurar-lhe que o que acabo de dizer é a pura verdade. Augusto abriu-se hoje commigo, e contou-me tudo.

JOÃO MANOEL.

Será possível! E eu que o recebia como se fosse meu filho! Porque o vi nascer, Sr. Commendador; carreguei-o nos braços, fi-lo saltar sobre meus joelhos. Oh! que feia traição! querer seduzir minha filha!

COMMENDADOR.

Não seja precipitado: as intenções de Augusto são as mais puras. Infelizmente, como salta aos olhos, casa-lo com a sua menina é impossivel.

JOÃO MANOEL, com amargura.

Somos pobres!

COMMENDADOR.

E' uma razão; e por si só bastaria. Porém ha outra.

JOÃO MANOEL.

Outra!

COMMENDADOR.

Sim. Na verdade, João Manoel, não sei como dizer-lhe isto... mas emfim... bem vê que seria ridiculo que meu filho, o filho do commendador Castro, casasse-se com a filha de um antigo arreiador de seu pai, e hoje seu aggregado. (João Manoel faz um movimento). Sei que estamos em época de igualdade, porém que quer,—tenho outras idéas. (Erguendo-se). Em resumo, estou resolvido a impedir este consorcio por todos os meios legaes e até mesmo illegaes, se acaso se podem chamar assim quaesquer meios de que lance mão um pai, para obstar que seu filho dê um passo errado. Foi para prevenil-o disto que aqui vim. Vele sobre a sua menina, que eu breve mandarei o meu rapaz para a côrte. São duas creanças; depressa se esquecerão do parvo romance que engendraram, e no qual, estou convencido, toma mais parte a cabeça do que o coração. Meu filho hade casar com quem eu quizer, e daremos á sua rapariga um marido conveniente: o dote, fica por minha conta.

JOÃO MANOEL, com dignidade.

Muito obrigado a V. Ex. pela sua extrema bondade. Porém, se aceito o seu aviso, recuso o favor que me offerece. Quanto ao Sr. Augusto, não é preciso arreda-lo d'aqui: minha

filha tem bastante dignidade para não querer entrar nem mesmo n'um palacio de rei, se para isso lhe fôr necessario forçar as portas! Agora, acredite, é o unico obsequio que lhe peço, eu ignorava tudo isto, e se ha mais tempo o soubesse, tel-a-hia chamado e dito... o que vou dizer-lhe agora perante V. Ex. (Chamando para dentro, D. A.) Julia! Julia!

SCENA VII.

OS MESMOS E MAGDALENA.

MAGDALENA, fóra de si, correndo da D. A.

João! João! que desgraça meu irmão!

JOÃO MANOEL.

O que aconteceu?

MAGDALENA.

Julia, abandonou-nos, fugio!

JOÃO MANOEL.

Estás louca! Julia fugir?

MAGDALENA.

Lê esta carta que achei sobre a mesa do seu quarto!
(Senta-se na cadeira á D. soluçando).

JOÃO MANOEL, desce, tomando a carta. Lê.

« Meu pai. Deixo a sua casa com a alma partida pela
« dôr. (Limpa os olhos affogados em pranto, continúa.) Mas era pre-
« ciso. » Preciso desgraça! (Continuando) « O homem que
« o meu coração escolheu... » Não posso mais, não vejo...
as lagrimas me cegam... oh! ingrata! ingrata, que me
mataste! (Cae sobre o mocho á D. perto da meza, soluçando.)

COMMENDADOR.

Eu desconfiava desse desenlace, e por isso tomei as minhas
precauções.

JOÃO MANOEL.

Por piedade... não me exaspere mais. Oh! minha filha!
minha filha!

COMMENDADOR.

Esta comedia ridicula ha de ter desfecho diverso, daquelle
que esperavam. Isto lhes asseguro eu. (Sac).

JOÃO MANOEL, erguendo-se.

Mais diverso do que pensa, Sr. Commendador. (Corre á
parede, D. meio, tira a espingarda e quer sahir).

MAGDALENA, levanta-se.

João, João, o que vais fazer?

JOÃO MANOEL.

Ah! senhores ricassos, julgais que podeis impunemente

segurar nossas filhas pelo coração e arrastal-as nas lamas da rua? Entraís em nossas casas, com a amizade nos lábios e a traição no peito. Este velho, dizeis, não tem nada no mundo senão sua filha, e, eu, que possuo escravos, palácios, fazendas, cavallos, luxo e riqueza, preciso ainda da filha do pobre, — tomo-a... e elle que morra de desespero! Oh! não ha de ser assim; não haveis de rir sempre...

MAGDALENA.

João, João o que vais fazer?

JOÃO MANOEL, fóra de si.

Vou matar esse infame, que seduzio minha filha...

MAGDALENA, pondo-se-lhe adiante.

Não sahirás.

JOÃO MANOEL.

Affasta-te mulher.

MAGDALENA, abraçando-lhe as pernas.

Por compaixão! Ouve-me, é a tua velha irmã que te falla. Não saias, não saias!

JOÃO MANOEL, para Magdalena.

E tu, mulher, o que fizeste da minha Julia? Entreguei-t'a casta e pura, para que velasses sobre ella como seu anjo da guarda e quando pergunto-te—onde está minha filha?—res-

pondes; fugio! Não és mais minha irmã; és a cúmplice do seu seductor! Arreda-te, deixa-me passar! (Trava-se uma luta entre os dous, João Manoel subjuga Magdalena e segurando-a pelos pulsos atira-a para o lado).

MAGDALENA, cahindo perto da cadeira á D.

Ai!

SCENA VIII.

OS MESMOS MAIS O COMMENDADOR, JULIA APOIADA SOBRE OS BRAÇOS DE UM CAPANGA.

COMMENDADOR.

Aqui está sua filha, João Manoel; para o futuro vele melhor sobre ella.

JOÃO MANOEL.

Minha filha! (Largando a espingarda e correndo para a filha). Ingrata, querias abandonar teu pai! (Tomando-a dos braços do Capanga). Como estás pallida!

MAGDALENA, erguendo-se.

Julia!

JOÃO MANOEL, abraçado com a filha.

E's minha outra vez, não me deixarás mais; não é assim?

MAGDALENA.

Quem te amará tanto como nós? Empallideces?!

JOÃO MANOEL.

O que tens, o que tens? Socega, o que se passou já lá vai; não fallaremos mais nisso.

JULIA, pondo a mão sobre o coração.

Ai!.. aqui... eu morro... (Cae sobre os braços de João Manoel).

JOÃO MANOEL.

Julia!

MAGDALENA.

Minha filha! (Ambos a amparam).

COMMENDADOR, ao Capanga.

Corre á fazenda e traz o medico... (Capanga sahe, F.) João Manoel, sinto muito... pobre menina... tão linda!... Não será melhor deital-a?

JOÃO MANOEL, sem prestar attenção ao Commendador.

Julia, ouve-me... tudo te perdôo... tudo esquecerei; mas volta a ti, volta a ti!

MAGDALENA.

Pobre anjo!

JOÃO MANOEL, chamando.

Julia, Julia, não me ouves?

JULIA, exforçando-se para erguer-se.

Sim... sim... não posso... e desejava tanto repousar.

MAGDALENA.

Apoia-te em mim; vem; vamos para dentro.

JULIA.

Sim... vamos. (Amparam-n'a e levam-n'a para dentro D. B.)

SCENA IX.

O COMMENDADOR só E DEPOIS AUGUSTO.

COMMENDADOR, fecha as portas que communicam com o interior. na porta do F.

Tragam aqui o Sr. Augusto. (Senta-se no mocho á E.)

AUGUSTO, entrando.

Aqui estou Sr. subdelegado.

COMMENDADOR.

Porque me não chama seu pai?

AUGUSTO.

Porque desde hoje pela manhã, não tenho pai.

COMMENDADOR, levanta-se.

O que sou eu então?

AUGUSTO.

Uma simples autoridade, e autoridade arbitraria.

COMMENDADOR.

Aceito a posição. (Aos capangas que acompanharam Augusto). Esperem lá fóra. (Saem os capangas F. a Augusto.) O seu comportamento é indigno... Seduzir uma menina honrada, e querer leval-a á perdição!

Calumnia.

AUGUSTO.

COMMENDADOR.

Como calumnia? Diga-me, se acaso eu, desconfiando da loucura que queria commetter, não o tivesse feito seguir, e espiar; se emfim, não tivesse sobrevivendo quando o senhor arrastando essa pobre menina se preparava para montar a cavallo, onde estariam agora?

AUGUSTO.

Agora? A galopar na estrada: mais tarde ajoelhados perante o altar de Deus, recebendo a benção do padre que nos devia unir para sempre.

COMMENDADOR.

Commetteu um rapto, e quer colorir o seu crime, fazendo-

me crêr que tencionava cazar-se com essa rapariga... Não posso nem suppôr que estivesse disposto a descer tão baixo para ir buscar a mãe de seus filhos.

AUGUSTO.

Prefere julgar-me um infame, capaz de roubar uma filha a seu pai para prostituil-a. O senhor tem cousas divertidas!

COMMENDADOR.

Não tolero essas zombarias; lembro-lhe que falla com seu pai.

AUGUSTO.

Já disse que fallo com o Juiz.

COMMENDADOR.

Prosigamos. Confesse que quiz praticar um rapto.

AUGUSTO.

Não a raptava; fugiamos eu e ella em busca da felicidade que aqui por culpa sua não podiamos fruir. Iamos celebrar perante os homens uma união já celebrada perante Deus...

COMMENDADOR.

Então é verdade; queria cazar-se com a filha de um aggregado de seu pai? De um homem que foi seu arreiador, quasi seu famulo?

PUNIÇÃO.

AUGUSTO.

Queria, quero e heide fazel-o !

COMMENDADOR, erguendo o rebenque e avançando para Augusto.

Miseravel !

AUGUSTO, fóra de si pondo a mão no punho da faca, que traz na cava do collete.

Nem mais um passo, senhor !

COMMENDADOR.

Queres assassinar-me ? !

AUGUSTO, cahindo de joelhos.

Oh ! perdão, meu pai ! Perdão ! Minha cabeça se desvaira . . .

COMMENDADOR, abrindo o peito da camisa.

Eia, animo, fere !

AUGUSTO.

Compaixão ! Sem importar-se com a minha dôr, separou-me da mulher a quem amo mais do que a vida ; tirou-m'a dos braços e não contente com isso, quiz infamar-me com o seu chicote. Esqueci o pai, vendo só o Juiz que exorbitava . . . Piedade, piedade ! Tantos golpes successivos tiraram-me a razão . . . Mate-me ; mas perdõe e esqueça . . .

COMMENDADOR.

Esquecerei.

AUGUSTO.

Graças, graças meu pai.

COMMENDADOR.

Levante-te criança. (Erguendo-o) Perdô-o-te, porque creio no teu arrependimento.

AUGUSTO.

Daria a vida para demonstral-o.

COMMENDADOR.

Não é preciso tanto.

AUGUSTO.

Diga, meu pai.

COMMENDADOR.

Juras obedecer-me cegamente ?

AUGUSTO.

Juro.

COMMENDADOR.

Partirás amanhã . . . não, agora mesmo, para a côrte. Em-

barcarás no primeiro paquete que seguir para Europa, e só d'aqui a cinco annos voltarás.

AUGUSTO.

Separar-me della por cinco annos!... E dizia que era facil...

COMMENDADOR.

Recuas?

AUGUSTO, com resolução.

Não, senhor! O meu crime foi atroz e requer uma expiação... essa é dolorosissima... melhor; aceito-a.

COMMENDADOR.

Partirás?

AUGUSTO.

Partirei.

COMMENDADOR.

Immediatamente?

AUGUSTO.

Immediatamente.

COMMENDADOR

Vamos, abraça-me.

AUGUSTO, supplicante.

Não poderei vel-a ainda um instante... dizer-lhe sómente adeus.

COMMENDADOR.

Partirás já; agora mesmo, sem olhar para traz, e durante estes cinco annos não lhe escreverás uma só linha.

AUGUSTO.

Não me despedir della... não escrever-lhe durante cinco annos!!! Mas é horriyel... o que pensará ella de mim? Que sou um infame, um vil... Ah! meu pai, mate-me, perfiro morrer; é um supplicio intoleravel esse que assim tão friamente me impõe... Não partirei; mate-me.

COMMENDADOR.

Cobarde, o teu arrependimento era fingido; desobedece-me de novo, e amanhã, quem sabe, consummarás...

AUGUSTO.

Oh! não diga mais... parto.

COMMENDADOR.

Já.

AUGUSTO, sabindo.

Adeus, senhor...

COMMENDADOR.

Adeus, meu... adeus, senhor! (Augusto sahe F. E.)

SCENA X.

O COMMENDADOR E JULIA.

JULIA, entrando com os cabellos soltos da D. A.

Ouvi a voz de Augusto. (Chamando) Augusto... Augusto...

COMMENDADOR.

Partio! (Julia fixa-o: e o Commendador insensivelmente tira o chapéo).

JULIA.

Partio! Para onde? (Aparecem Magdalena e João Manoel na D. A. como entrando.)

COMMENDADOR.

Para Europa.

JULIA, medindo o Commendador de alto a baixo.

O senhor é um máo homem; odeio-o!

ACTO PRIMEIRO.

O scenario representa uma sala alfaiada com todo o luxo. Piano, cadeiras estofadas, poltronas á Voltaire, quadros, cortinas, espelhos, etc. Janellas á esquerda, portas á direita e uma no fundo.

SCENA I.

O COMMENDADOR, SENTADO EM UMA CADEIRA Á D. DA MESA
E JULIA, FAZENDO TRICOT SENTADA EM UMA CADEIRA
DE BALANÇO Á E.

COMMENDADOR.

Dizia-te eu Julia, que uma fazenda deve estar sempre sob as vistas do seu dono. E' voz geral que o nosso

administrador, pôde ser considerado como o modelo dos administradores. Entretanto, em que estado viemos achar tudo isto?! As capinas mal feitas, deixaram descobertas as raizes dos pés de café, dos quaes muitos estão invadidos pela herva de passarinho. As cannas de assucar espigaram este anno, como nos anteriores; perdeu-se quasi toda a colheita. O gado anda estramalhado, e os meus escravos estão reduzidos, por uma economia sordida, parte a espectros, parte a opilados. E' triste.

JULIA, sem prestar-lhe attenção.

Antonio, demora-se.

COMMENDADOR.

D'aqui ao arraial, não são dous passos. E elle partio ha pouco.

JULIA.

Ha quasi uma hora.

COMMENDADOR, olhando para o relógio.

Uma hora de vinte minutos. (Com doce arguição.) O tempo te pareceu tão longo, porque conversavas comigo.

Póde ser.

JULIA.

COMMENDADOR.

Má!

JULIA, olhando-o fixamente.

Temos recriminações?

COMMENDADOR.

Não, Julia.

JULIA.

Então, continue.

COMMENDADOR.

Abandonei a fazenda e fixei e nossa residencia na côrte, porque assim cumpria os teus desejos. Querias conhecer o Rio de Janeiro; nada mais justo. Passámos ali vida de festas; os bailes, os theatros, as corridas, os concertos, as regatas, não tinham mais assíduos frequentadores. Essa existencia era um pouco contraria aos meus habitos. Eu acostumado a deitar-me ás oito horas da noite, vi muitas vezes romper o dia sentado em uma cadeira, entallado em uma casaca preta, com a tua capa no braço e a minha commenda ao peito, seguindo-te com os olhos rubros pela vigilia nas interminaveis voltas de um *cotillon* final, que nunca acabava. Mas a tua voz me soava tão doce quando me dizias — espere-me ainda um pouco,— que eu mal sentia a fadiga, e voltava para casa contente, porque me parecias feliz, e a tua felicidade é a cousa que eu mais almejo.

JULIA, ergue os hombros e vai á janella E. B.

Ainda nem apparece.

COMMENDADOR.

A principio quando te via cercada por tantos mancebos elegantes cujos braços te enlaçavam, agora n'uma valsa, depois n'uma polka, mais tarde n'uma masurka; pois tu dansavas tudo e divinamente...

JULIA, encostada á janella.

Agradecida.

COMMENDADOR.

A principio, digo, tinha assim uma especie de ciume...

JULIA, rindo-se.

Ah! ah!

COMMENDADOR.

Ris-te?

JULIA.

Recordo-me do que disse-me a esse respeito ao sahirmos do primeiro baile do Cassino.

COMMENDADOR.

Disse-te sómente que soffria, respondeste-me que eu era um tonto; e nunca mais te fallei nisso.

Fez bem.

JULIA.

COMMENDADOR.

Começava até a gostar dessas festas. O meu amor proprio tinha achado mesmo ali em que apascentar-se. Quando ouvia o rumor da admiração com que eras recebida n'essas salas deslumbrantes, cujos tapetes pisavas com pés de rainha; a fronte alta e corôada de perolas e rosas; o collo nú, os olhos scentillantes, sentia profundo prazer em dizer baixinho no meu coração — Essa mulher, esse anjo, que todos admiram e adoram, é minha, pertence-me, ou antes sou o primeiro dos seus escravos!

JULIA.

E' quasi um idyllo... Mas voltando a cousas sérias. Não acha que Antonio demora-se?

COMMENDADOR.

Se lères um pouco mais tarde, ou mais cedo, as cartas que elle foi buscar ao correio, não vejo nisso grande desgraça.

JULIA.

Vejo eu. Que as cartas e os jornaes da côrte são a unica distracção que aqui se tem. (Bacjando). Como estou aborrecida! (Vem sentar-se na cadeira de balanço).

COMMENDADOR.

Se me estás ouvindo... Mas tem paciencia. Pedi-te esta conferencia, porque tenho cousas importantes a dizer-te.

JULIA.

Bem, bem; sou toda ouvidos.

COMMENDADOR.

Assim, pois, soube tambem fazer para mim um quinhão de delicias n'essa existencia embriagadora que levavamos; mas que como toda a embriaguez, devia acabar. Ha dous mezes, acordei meio arruinado. Em quatro annos despendera muito, muitissimo, e a minha fazenda por outrem dirigida, rendia apenas a terça parte do que antes produzira. Devia vir vê-la. Convidei-te para que me acompanhasses; resististe a principio, mas a final cedeste.

JULIA.

Desejava vêr de novo estes sitios. (A meia voz). Fiz mal, muito mal!

COMMENDADOR.

Bem sabes em que estado lastimoso a [achamos. Ora, hoje que transformaste o meu pardieiro em palacete, que o alfaiaste a teu gosto; que encheste as estrebarias de animaes de preço; hoje enfim que estás, quero crê-lo, mais acostumada comigo, poderias... sim... talvez não te fosse difficil viver aqui algum tempo... pouco. Não achas?

JULIA.

O que?

COMMENDADOR.

Não ouvias?

JULIA.

Seguia outros pensamentos.

COMMENDADOR, severo.

Julia!

JULIA.

O seus discursos são tão longos, meu caro!

COMMENDADOR, ferido.

Esse pouco caso...

JULIA.

Ah! tem agora pretensões oratorias? E' mais um sestro, porém tão pouco divertido como os outros.

COMMENDADOR, brando.

E' que te fallava de cousas que te deviam interessar. Tratava de fazer-te aceitar o unico meio que se me offerece de restabelecer a nossa fortuna abaladissima.

JULIA.

E que entendo eu desses negocios? Ao senhor compete tratar disso, a esse respeito faça o que quizer.

COMMENDADOR.

Principiarei por despedir o administrador.

JULIA.

Porque?

COMMENDADOR.

Tambem não ouviste o que disse a respeito de sua gerencia?

JULIA.

Foi um dos trechos que perdi. Lamento-me.

COMMENDADOR.

Pois dizia-te...

JULIA.

Não; não; é inutil repetir. Pouco se me dá que o despeça ou não.

COMMENDADOR.

Despedido elle, colloco-me no seu lugar. Verás como tudo muda de aspecto em pouco tempo. E, d'aqui a tres annos, poderemos voltar para côrte.

JULIA.

Tres annos aqui? Nunca! (Levanta-se).

COMMENDADOR, erguendo-se.

Porém, reflecte...

JULIA.

Não ha que reflectir. Acredita por ventura, que eu poderia viver aqui tres annos com o senhor, e as minhas recordações? Ficaria louca antes de findo o prazo. Não comprehende que eu só procuro as festas, os bailes, o tumulto; porque o turbilhão me atordoa e por momentos me faz esquecer...

COMMENDADOR.

E a miseria!

JULIA.

Que me importa. E demais, impeço-o eu por ventura que fique na fazenda o tempo que quizer? (Senta-se na cadeira de balanço).

COMMENDADOR, chegando-se para Julia com caricia.

E crês, ingrata, que apezar do rigor com que me trata, eu possa viver longe de ti? (Chegando-se á Julia).

JULIA, repellindo-o.

Sente-se, Sr. Castro. Essas palavras delambidas casão-se mal com os seus cabellos brancos.

COMMENDADOR, senta-se com tristeza.

Sempre os meus cabellos brancos... E's cruel, Julia,

em lembrar-me constantemente que sou velho, quando sentindo junto de ti ferver-me nas veias, o sangue ardente dos vinte annos, illudo-me, julgo-me moço, e creio que podes amar-me. Tudo isto é um sonho, bem o sei; o tempo corre e não volta mais. Mas põe a mão sobre o meu coração, vê como elle pulsa; é que quando o pisam soffre sempre; quer na mocidade quer na velhice: mais na velhice talvez. Que culpa tenho eu em não ser joven como tu? Nenhum alchimista descobriu ainda a agua de *Jouvence* que faz remoçar. Em troca de algumas gottas do seu santo licôr, nós todos que somos velhos, dar-lhe-hiamos os thesouros que temos accumulado em tantos annos de penoso labor. Custa-te muito levar embalado nos teus braços, como se fosse uma creança, até á sepultura já para elle aberta, este pobre velho, que tanto te ama. Porque me torturas, mostrando-me a todo o instante a terrivel barreira que nos separa?... Trinta annos de differença; abysmo immenso que uma dedicação sem limites, uma obediencia cêga, uma adoração perenne, não tem podido fazer desaparecer. Não me ames, consinto, mas não m'o digas... Ser-te-lia tão facil illudir-me... Eu te ajudaria de tão bôa vontade.

JULIA, levantando-se.

Bem sabe que o abysmo que nos separa não é a sua velhice.

COMMENDADOR, erguendo-se.

Julia!

JULIA.

Foi o senhor quem provocou estas explicações. (Senta-se.)

COMMENDADOR, sentando-se.

Sim, sim fui eu. Sou um tresvariado, confesso. Nutro ambições, anhelos extravagantes. Perdoa-me, são caduquices; não tratemos mais disso.

JULIA, erguendo-se para sahir.

Será melhor para ambos. (Vai a sahir.)

SCENA II.

Os MESMOS E GUILHERME.

GUILHERME, entrando a Julia.

Antonio acaba de chegar do correio trazendo as suas Illustrações. Tomei-as para ter o prazer de entregar-lh'as, minha tia. Aqui estão as cartas e os jornaes de meu tio. (Entrega os jornaes referidos a Julia.)

JULIA, passando.

Agradecida. (Sac D. A.)

COMMENDADOR, sem ver Guilherme, que vai pôr os jornaes e cartas do commendador sobre a mesa da E. A.

Que vida esta! (Fica pensativo.)

GUILHERME.

Que tem meu tio?

COMMENDADOR.

Ah! estavas ahí? Não tinha dado por ti. (Levanta-se.)

GUILHERME.

E' lisongeiro. Mas porque está tão afflicto?

COMMENDADOR.

Eu afflicto?

GUILHERME.

Sim, afflicto. Bem vejo nessa lagrima que me quer occultar.

COMMENDADOR.

E' que soffro e soffro muito. Seria loucura o querer esconder os meus padecimentos a ti, o filho de minha irmã, a ti que tens presenciado a vida que levo no meu lar domestico. Esta mulher que eu amo como nunca suppuz que se pudesse amar; esta mulher que é minha perante a lei, e perante a sociedade, não me pertence de facto. O seu coração como o seu quarto, estão-me sempre fechados. Aparecemos juntos em publico; mas quasi não nos encontramos em casa; e nessas raras occasiões aquella estatua marmórea só se anima para esmagar-me. E ha quatro annos que soffro isto. Quatro annos de torturas incriveis!

GUILHERME.

A fabula do abutre e da pomba... ás avessas... Aqui é a pomba que devora o abutre... Se o abutre se lembrasse que tem bico e garras...

COMMENDADOR.

Não, não as tem.

GUILHERME.

Quem lh'as arrancou?

COMMENDADOR.

O amor, a paixão que me devora e escravisa, e que tanto mais se incendeia, quanto mais obstaculos encontra. A sua frieza excita-me; o seu desprezo irrita-me; o seu odio enlouquece-me; amo-a cada vez mais.

GUILHERME.

E não póde vencer essa paixão? Sempre me dissêram que tinha uma força de vontade inabalavel.

COMMENDADOR.

Tive; mas hoje a minha vontade se faz pedaços d'encontro áquelle monte de gelo. A minha energia acabou, quando amei essa mulher.

GUILHERME.

Isso não é amor, é um espinho venenoso que tem no coração: arranque-o.

COMMENDADOR.

Acreditas que, se pudesse, já não o teria feito? A principio quiz rebellar-me contra o jugo, levantar a cabeça, fallar como

senhor. Ella fitava em mim aquelles olhos tão bellos, tão frios, tão desdenhosos, e eu cahia de joelhos a seus pés. Hoje já não luto, sucumbo. Já não tenho dignidade, já não tenho forças. Da minha alma fiz alfombra para seus pés, e ella a calca sem pezar, sem gratidão; impassivel como esse idolo indiatico que esmaga sob as rodas de seu carro triumphal os corpos de seus devotos.

GUILHERME.

Mas então só de si deve queixar-se.

COMMENDADOR.

Da minha má estrella dize antes. Eu tinha vinte annos; estudava na côrte, quando meu pai, que ganhára uma fortuna no commercio para perdê-la na lavoura, morreu legando-me uma fazenda gravada de dividas e tres filhas em idade de casarem-se. O que me cumpria fazer, fiz; sem pezar, não; mas com inabalavel firmeza. Abandonei os livros, calcei os tamancos, e comecei a trabalhar como um galé. Primeiro para pagar as dividas de meu pai, depois para dotar minhas irmãs. As terras que eu possuia estavam exaustas; os meus escravos são poucos; e eu, para obter o que me faltava, sem amor, sem sympathia ao menos, casei-me com uma rapariga da visinhança. Ella morreu: um talher de menos á mesa, e dous filhos que me deixára, são as unicas cousas que me fazem lembrar que existira. Paguei as dividas de meu pai; casei minhas irmãs. Porém então o demonio da ambição tirou-se apoderado de mim. Só visando á riqueza, tornei-me aspero, duro, insensivel, a ponto de matar um homem porque roubava-me uns palmos de terra. Chegou, emfim, uma occasião em que eu me lembrei de calcular quanto possuia, e vi que era o mais rico fazendeiro n'um raio de dez leguas. Podia

afinal fallar de alto com aquelles que outr'ora me haviam humilhado, e respirei largo. Mas quando os braços deixáram de trabalhar, o coração fallou, e fallou com dobrado imperio. Encontrei esta menina, e apaixonei-me loucamente por ella. O que se passou? E' inutil dizer-t'o? Mas fica sabendo que para possui-la fiz mais do que era humanamente possivel. E' que esse amor tardio tinha-se apoderado completamente de minha alma, cuja sensibilidade por tanto tempo comprimida se expandira com dobrada energia. Faz-me soffrer cruelmente, e entretanto não posso libertar-me d'elle. Máo grado meu: a esperanza de ser por ella amado, esperanza todos os dias illudida, nunca sae do meu espirito; vivo della!

GUILHERME.

Devia aproveitar a inclinação, e ir converter os gentios; meu tio é da massa de que se fazem os martyres.

COMMENDADOR.

Sou apenas um mal aventureado.

GUILHERME.

Ninguém tal diria, com a sua fortuna.

COMMENDADOR.

Oh! a felicidade, é uma virgem pudica e melindrosa, não se vende. (Senta-se pensativo em uma cadeira á E. perto da mesa.)

GUILHERME, olhando para a janella E. A. por detraz do commendador.

Ahi vem um cavalleiro.

COMMENDADOR, levantando a cabeça e olhando para fóra pela janella da E. B.

E' o Sr. Salvador. Recebe-o, Guilherme, não estou agora em estado de fallar-lhe. (Passa e vai para a D. B.)

GUILHERME.

Sim, meu tio. (Acompanha até á porta o commendador.)

SCENA III.

GUILHERME E SALVADOR.

SALVADOR, da porta.

Guilherme Mariz.

GUILHERME, indo ao encontro de Salvador.

Em carne e osso; conheceste-me logo, Salvador? (Abraçam-se.)

SALVADOR.

Do primeiro lanço d'olhos. E tu tambem: entretanto, há seis annos que não nos vemos.

GUILHERME.

Eu sabia que estavas por aqui; do contrario não te reconheceria. Estás mudado, calvo... Envelheceste depressa, meu amigo. Desgostos?

SALVADOR.

Não: temperamento.

GUILHERME.

Senta-te... Não queres tirar as botas?

SALVADOR.

Mais tarde. Meu pagem ainda não chegou.

GUILHERME, chegando-se á porta da D. A. e gritando.

Café e fogo. (A Salvador). Toma um charuto.

SALVADOR, sentando-se perto da mesa.

Obrigado; estou acostumado ao cigarro de palha.

GUILHERME.

Antes de me dizerem que estavas por esta bandas, nem pela cabeça passava-me que te poderia encontrar. Tens um collegio; creio eu.

SALVADOR.

Sim, na villa.

GUILHERME.

Como te podeste transformar em pedagogo, desgraçado?

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Abracei a ultima carreira que me restava.

GUILHERME.

E os teus planos de outr'ora? Querias ser jornalista, dramaturgo, romancista, escrivinhador, emfim, e tinhas geito, palavra.

SALVADOR, levantando-se.

Criar como Deus; tirar de meu cerebro sêres imaginarios, que amassem, odiassem, louvassem, vivessem emfim, e atira-los á multidão, para que ella amasse, odiasse, sentisse, vivesse com elles, era o sonho dourado da minha meninice: desfez-se! Hoje, que estou velho, não sonho, calculo; não faço versos; ensino a meia duzia de meninos aparvalhados as quatro operações; sobre tudo sommar e multiplicar, que é no que os pais os querem mais sabidos.

GUILHERME.

Mas nem ao menos tentaste a profissão litteraria.

SALVADOR.

Uma unica vez.

GUILHERME.

E o successo?

SALVADOR.

Pessimo. (Entra um moleque D. A. trazendo fogo e café, que offerece aos dous.)

GUILHERME, a Salvador.

Serve-te. (Senta-se na poltrona. Servem-se ambos de café, e accendem o cigarro e o charuto.) E que tal era a obra?

SALVADOR, na cadeira á D. da mesa.

Não era excellente. Mas eu te asseguro, hoje que fallo do Salvador de outr'ora como de um morto, que não minto dizendo que era soffrivel. Sobre tudo encarada com uma primeira tentativa.

GUILHERME.

E apezar disso...

SALVADOR.

Não tirei para as despesas da impressão e quantos amargores!

GUILHERME.

Porque?

SALVADOR.

Porque ha no Rio de Janeiro meia duzia de individuos, que tendo ouvido dizer que os gansos salvaram o Capi-
10

tolio, pozeram-se de sentinella á arca santa da litteratura, e investem, biliscam e mordem todo aquelle que ousa produzir alguma cousa. Consolam-se assim da propria impotencia. Esses meus senhores acolheram-me com uma gritaria espantosa... Como grasnam, como grasnam!... São guinchos tão descompassados, que eu com os ouvidos feridos, fiz como o côrvo da fabula; jurei. *Mais un peu tard qu'on ne m'y prendrait plus.*

GUILHERME.

Porém só meia duzia de gansos podem tanto?

SALVADOR.

E' que cada um tem o seu bando de patinhos, um pouco mais broncos do que elles, que os ouvem com verdadeira admiração, para depois irem repetir nas praças e pasmatorios, as sentenças dos mestres... Mas não nos occupemos mais com isso: são aguas passadas... Que prazer senti por encontrar-te aqui: vamos ter excellentes palestras. Irás visitar-me, não é assim?

GUILHERME.

De certo.

SALVADOR.

Lembrar-nos-hemos dos tempos que já lá vão. Fallar-me-has em artes e letras, contar-me-has o que se passa no mundo dos theatros, e eu, pobre desterrado, abrirei as orelhas para te entender. Mas falla claro, põe os pontos nos *ii*, que ellas cresceram desmesuradamente.

GUILHERME.

Ora, tú um poeta!

SALVADOR.

Isto foi em outro tempo. A vida da roça estreita o cerebro e arredonda a barriga.

GUILHERME.

Com effeito, noto que estás rochonchudo como um menino de côro. Já não tens o aspecto elevado de outr'ora, quando os teus amigos te chamavam trovador, e os teus inimigos D. Quixote. Parece-me meu caro que caminhas rapidamente para Sancho Pança.

SALVADOR.

Prouvera a Deus que assim fosse. (Erguendo-se.) Sancho Pança é o homem da época, a encarnação deste seculo de idéas prosaicas e egoisticas; utilitarias como se diz na algaravia das camaras. O homem que attendia á barriga antes de tudo, que acompanhava D. Quixote, porque afinal de contas, o espirito leva sempre após si a materia; mas que lamentava-se e protestava, por ter de seguir o desventurado e generoso louco, é o exemplar que devemos imitar, se quizermos ser fortes e respeitados. Estamos no reinado dos Panças; a época lhes pertence. Abaixo as aspirações elevadas! Morra a poesia! Fóra com as grandes dedicações! Juizo antes de tudo; estomago em vez de coração; egoismo em vez de caridade. Se o Christo voltasse ao mundo, não o crucificariam mais, polo-hiam em caricatura, e os proprios pescadores, desdenhariam de ser apóstolos.

PUNIÇÃO.

GUILHERME.

Estás fulminante.

SALVADOR.

O que eu estou é enojado dos homens e das cousas da nossa terra. As cousas parecem-me chatas; os homens pygmêos pantafagudos e contrafeitos.

GUILHERME.

Mas afinal o que te importa isso?

SALVADOR.

O que me importa? E' que cheguei tambem á idade das ambições nobres e elevadas; que sinto em minha intelligencia, forças para bem servir o paiz; que reconheço que sou probo, como o mais probo, dedicado como o mais dedicado. Entretanto em quanto mediocridades balofas galgam o pinaculo das grandes posições, vegeto tristemente na obscuridade, e se tivesse de buscar uma companheira não poderia offertar-lhe nem riqueza nem posição. (Apontando para os jornaes que estão sobre a mesa). Lês-te os jornaes chegados hoje?

GUILHERME.

Não, porque?

SALVADOR.

Porque foi a leitura d'elles que, excitando-me a bilis, deu causa á tirada que acabo de impingir-te. (Folhea os jornaes e mostra um trecho). Aqui está. Lê este trecho,

GUILHERME, levanta-se lendo.

« A final, a justa e natural candidatura do nosso illustrado comprovinciano, o Sr. Miguel de Vasconcellos triumphou completamente. S. Ex. é deputado á assembléa geral por uma grande maioria de votos. »

SALVADOR.

Miguel de Vasconcellos! Miguel de Vasconcellos, está deputado e por uma grande maioria de votos! E eu que tanto me ria d'elle, não pude ser eleitor da minha freguezia...

GUILHERME.

Isto te incommoda? Estás ainda de uma candura infantil. (Entra Julia D. A. vestida de Amazona). Ah! minha bella tia...

SCENA IV.

OS MESMOS E JULIA.

JULIA.

Bons dias, Sr. Salvador.

SALVADOR.

Bons dias, minha senhora.

JULIA.

Não sabia que aqui estava.

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Ceguei ha alguns momentos, e encontrando este amigo velho, levamos a palrar. Desculpe se não fui logo apresentar-lhe os meus respeitos... O Sr. Commendador?

JULIA.

Esperava encontra-lo nesta sala.

SALVADOR.

Vai sahir, minha senhora?

JULIA.

Ia visitar meu pai, mas visto que o encontro...

SALVADOR.

Oh! não lhe sirva de embaraço a minha presença; preferiria retirar-me. (Toma o chapéo, á E. na mesa).

JULIA.

De fórma alguma. Bem sabe que não fazemos ceremonias com o senhor. Vou, mas ali ficam o Commendador, minha enteada, Guilherme...

GUILHERME.

Perdão minha tia, eu quizera antes acompanha-la. Sabe que, por diploma lavrado na minha propria chancellaria,

nomeei-me seu escudeiro-mór. Salvador não hade querer que eu falte aos deveres do meu cargo.

JULIA.

Eu dispensava...

GUILHERME.

Pois eu não me dispenso. Mais realista que a rainha, sou capaz de resistir-lhe para melhor servi-la.

JULIA.

Falla como um cavalleiro andante. (A Salvador). O Commendador e minha enteada far-lhe-hão companhia. Demora-se?

SALVADOR.

Esperal-a-hei, minha senhora.

GUILHERME.

Corro a mandar arrear o meu cavallo. (Sac F.)

JULIA, chamando para dentro D. B.

Clara! Clara!

CLARA, apparecendo D. B.

Minha mãe.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Antes de tudo, menina, quero prevenil-a de uma cousa. Esse titulo de mai me desagrada.

CLARA.

Foi meu pai quem me ordenou que lh'o desse.

JULIA.

Seu pai deu-lhe uma ordem tola. Nem me póde amar como filha, nem eu prezal-a como mãi... Sou apenas sua madrasta. Onde está seu pai?

CLARA.

Não o vi.

JULIA.

Mande dizer-lhe que aqui está o Sr. Salvador... E' verdade ainda não o cumprimentou.

CLARA.

A senhora não me deu tempo... Bons dias Sr. Salvador.

SALVADOR

Como está desfigurada, D. Clarinha. Soffre?

CLARA.

Não.

JULIA.

Se ella leva toda a noite a ler romances! Ainda hoje de madrugada estava com a vella acêsa.

SALVADOR.

Então o que lia de tão interessante?

CLARA, confusa.

Um Amor Louco.

SALVADOR.

O meu romance!

JULIA.

Creio que é a terceira vez que o lê.

CLARA.

Oh! terceira vez, não.

JULIA.

Terceira vez, sim; lembro-me bem.

SALVADOR.

E' uma fineza que ainda ninguem me fez: agradeço lh'a de todo o coração.

CLARA, embaraçada.

Minha madrasta tambem o leu.

Terceira a terceira

PUNIÇÃO.

JULIA.

Mas não tres vezes.

SALVADOR.

Enfastiou-se logo á primeira.

JULIA.

Enfastiar-me... não.

SALVADOR.

Mas não lhe agradou.

JULIA.

Sr. Salvador, não sei se se podem dizer certas cousas a um autor... e demais que importancia tem a minha opinião ?!

SALVADOR.

Tão grande, que, sem cumprimento, desejava muito conhecê-la.

JULIA.

Se lh'a der não se enfadará comigo?

SALVADOR.

Asseguro-lhe que não.

JULIA.

Pois então, ouça. Os homens não deviam escrever sobre certos assumptos. O seu *Amor Louco* tem um grande defeito — o não ser louco. — Pelo contrario é asisado, calmo e reflectido. O heróe é um parlapatão palavroso, que jura, grita, blasfema e nada faz. A heroína uma serigaita que chora, suspira a cada instante e que apenas sabe apanhar uma constipação e morrer phtisica; depois de muito se lastimar, e de ter esgotado para viver algumas pipas de oleo de figado de bacalháo. Não é assim que eu descreveria o amor, e sobretudo um amor louco... Mas o que estou eu a dizer? O senhor de certo esforça-se para não rir-se da minha apreciação litteraria... Ria-se; ria-se á vontade...

SALVADOR.

Oh! minha senhora, eu...

GUILHERME, entrando F.

Prompto.

JULIA.

Até já Sr. Salvador. Em quanto não chega o Commendador, Clara far-lhe-ha companhia, e lhe dirá tantos bens do seu romance, que ficará de certo consolado das minhas brutalidades... E' uma sua admiradora.

CLARA.

Minha madraستا!

JULIA.

De que se vexa. Não ha autor que leve a mal a admiração que causa. (Sac F. Guilherme acompanha-a, Clara vai ao espelho arranjar o cabello).

SCENA V.

CLARA E SALVADOR.

SALVADOR.

E' verdade D. Clarinha que o meu livrinho agradou-lhe?

CLARA.

Muito Sr. Salvador... Minha madrasta tem cousas... (Chamando para dentro) Antonio! Antonio! (Aparece um pagem D. A.) Procura meu pai e dize-lhe que aqui está o Sr. Salvador.

SALVADOR.

Tem medo de estar só comigo?

CLARA.

Oh! não...

SALVADOR,

Dizia que gostava do meu romance. Pois olhe, sem affectada modestia, a critica de sua madrasta é justa. Reconheço que

o que eu chamei um amor louco é uma cousa bem pallida ao lado da verdade. Quando rabisquei esse livro, ainda não amára; fallei, pois, da paixão como se falla de uma terra que nunca se visitou... por ouvir dizer. Hoje escreveria cousa diversa.

CLARA.

Pois só agora sabe o que é amor?

SALVADOR.

Ha apenas dous mezes.

CLARA.

E' celebre; tanto ha que nos conhecemos.

SALVADOR.

Por isso mesmo.

CLARA.

Mas... não entendo.

SALVADOR.

Entende, D. Clarinha, entende, a sua propria confusão mostra.

CLARA.

O senhor quer dizer... é impossivel!

SALVADOR.

Impossível, amal-a! Porque? Acaso não é a graça, a beleza, a innocencia em pessoa?

CLARA.

Oh! Sr. Salvador: está me vexando... parece que zomba de mim... Seria uma maldade.

SALVADOR.

Zombar da senhora...

CLARA.

Mas como quer que o acredite? Minha madrasta ainda hoje me assegurou que eu era horrenda.

SALVADOR.

Está cega, ou é uma má mulher, e quiz magoal-a.

CLARA.

E' verdade que hontem, beijando-me, dizia-me que eu era linda.

SALVADOR.

Então é louca?

CLARA.

As vezes desconfio d'isso. Ha dias, rarissimos é certo, em

que me anima e acaricia; ha outros, são infelizmente mais frequentes, em que repelle-me e maltrata-me.

SALVADOR.

Maltrata-a! E porque?

CLARA.

Não sei... A menos que não seja por eu me parecer com meu irmão, de quem ella e meu pai, não gostam, penso eu.

SALVADOR.

Devéras!

CLARA.

Sím; quando fallo nelle minha madrasta muda de côr, meu pai cerra as sobrancelhas; e ninguém me responde. Está fóra, não se recebem cartas d'elle, não se lhe escreve, nem se pronuncia o seu nome. Isto me dóe porque o amo, apesar de o não ver ha mais de cinco annos.

SALVADOR.

Já tinha notado alguma cousa a esse respeito... Mas tudo que me diz, é tão extraordinario!!!

CLARA.

Não repare em fallar-lhe eu n'isso. Como o senhor me disse que me estimava... mas é verdade que o senhor me estima?

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Amo-a, D. Clarinha.

CLARA.

Pois escute.

SALVADOR.

O que?

CLARA.

Isso me dá prazer.

SALVADOR.

Então ama-me também?

CLARA.

Não sei... não posso affiançar-lhe já... mas parece que sim... estou tão contente!...

SALVADOR.

E eu, D. Clarinha; e eu!... Não ousáva sonhar tão grande felicidade.

CLARA.

Vamos contar a meu pai?

SALVADOR.

Ainda não. Mais tarde.

CLARA.

Porque?

SALVADOR.

Porque!... ahi vem elle... silencio.

SCENA VI.

OS MESMOS E O COMMENDADOR.

COMMENDADOR, entrando.

Sr. Salvador...

SALVADOR.

Meus respeitos, Sr. Commendador.

COMMENDADOR.

Então, meu caro, foi infeliz, derrotaram-n'o.

SALVADOR, fazendo cara alegre.

Tive apenas trinta votos. Fiquei o decimo suplente... abaixo do taberneiro do arraial. E' vergonhoso!

CLARA.

Para os votantes.

SALVADOR.

Obrigado, minha senhora. Não imagina como o seu dito consola-me.

COMMENDADOR.

Clara disse bem, o senhor não merecia isto; mas creio que se encommudou mais do que devia com semelhante resultado. A cousa não vale a pena.

CLARA.

De certo; nem deve importar-se com isso um minuto.

COMMENDADOR.

Então deixaram-n'o só com esta doidinha? Deve tel-o aborrecido muito a sua tagarelisse; isto falla... falla...

CLARA.

Pelo contrario, papai; parece-me que a minha conversação não desagradou ao Sr. Salvador (a Salvador.) Não é assim?

De certo.

SALVADOR.

COMMENDADOR.

O que ha de elle dizer. Porém, onde está Julia?

SALVADOR.

Sahio a passeio acompanhada por seu sobrinho.

COMMENDADOR, indo ao F.

A passeio com um sol destes! Que extravagancia!

CLARA.

Creio que foram visitar o pai e a tia de minha madrasta. O' papai, porque é que elles não vem morar commosco? Habitam uma casa tão pequena, tão feia!...

COMMENDADOR, embaraçado.

Não a querem deixar... Dizem que ali vivem melhor que em qualquer outra parte. Sabes se tua madrasta levou o chapéo de sol.

CLARA.

Não sei.

COMMENDADOR.

Tambem nunca sabes nada. (Chegando á janella) Está um sol de rachar; vai de certo adoecer. (Clara vai a janella E. A.)

CLARA, da janella.

Lá vem elles. Não tiveram tempo de sahir da fazenda.

COMMENDADOR, volta á janella,

Sim; são elles... e a galope, já se vio isto? E' capaz de cahir.

CLARA.

Quem? meu primo?

COMMENDADOR.

Que me importa seu primo.

CLARA.

Oh! minha madrasta não cae. Monta como um peão, e o baio é seguro. (Salvador vai á janella).

COMMENDADOR.

Não sabes o que estás dizendo. Uma desgraça depressa acontece. Que loucura! que loucura!

SALVADOR.

Já os distingo bem. D. Julia vem adiante com todo o garbo de uma verdadeira amazona... Que carreira desenfreada! Guilherme mal a póde acompanhar; largou as redeas do animal, e segura-se ao arção da sélla.

CLARA.

Pobre coitado! Não vá cahir!

COMMENDADOR.

Que o diabo lhe torça o pescoço. Foi elle sem duvida quem a excitou a esta galopada.

SALVADOR.

Vão chegando á tranqueira.

COMMENDADOR.

E ella não refrêa o cavallo!...

SALVADOR.

Pelo contrario, castiga-o... O animal se impina...

COMMENDADOR, tapando com as mãos o rosto.

Lá vai saltar. Meu Deus! (Pausa).

CLARA.

Não lhe aconteceu nada.

COMMENDADOR.

Que susto tive; via-a morta. Hei de rallar. Não se faz sofrer assim um pobre homem.

SALVADOR.

Felizmente para Guilherme o seu cavallo estacou. Que tombo ia levar.

JULIA, dentro.

Sr. Guilherme, meu escudeiro-mór, então não vem ajudar-me a apear?

COMMENDADOR, sabindo.

Vou eu, vou eu! (Sac correndo.)

SALVADOR.

Como elle a ama!

CLARA.

Então o que meu pai sente por minha madrasta, é amor?

SALVADOR.

E' mais do que isso: — é idolatria!

SCENA VII.

OS MESMOS, JULIA, o COMMENDADOR,
DEPOIS GUILHERME.

COMMENDADOR, entrando com Julia.

Que imprudencia, sair com um sol destes, e demais a mais, galopar assim a toda a brida, saltando tranqueiras de cinco palmos de alto!

JULIA.

Ora, meu presado senhor, não me aborrega com as suas lamentações. Sou eu por ventura um alfinim?

COMMENDADOR.

Porque não sahes á tarde, ou pela manhã?

JULIA.

Por uma razão excellente.

COMMENDADOR.

Vejamos.

JULIA.

Porque não quero.

COMMENDADOR.

E' uma razão de mulher ou de criança, e como és uma e outra cousa, vou rallar contigo.

JULIA, fitando-o.

Hade ser divertido, principie! (Senta-se na poltrona perto do sofá á D.)

COMMENDADOR, constrangido.

Disse que ia rallar contigo, brincando; bem sabes que sou incapaz de o fazer seriamente. Como está teu pai?... tua tia?

JULIA.

Soube em caminho que tinham ido á villa: estão bons.

GUILHERME, entrando com as roupas em desordem e sem chapéo; ajoelha-se aos pés de Julia.

Minha bella tia venho depôr a seus pés, o meu diploma de escudeiro-mór. Se dermos outro passeio como este o meu amigo Salvador terá occasião de mcstrar o brillantismo do seu estylo, fazendo a minha necrologia.

JULIA, rindo-se.

Guarde o diploma. Fica sendo honorario apenas.

PUNIÇÃO.

GUILHERME.

Beijo-lhe as mãos por essa nova graça. (Levanta-se e vai a Salvador.)

COMMENDADOR, baixo á Julia.

Estás mal comigo? Perdoa-me, foi o receio de te vêr doente, que me poz assim rabugento.

JULIA, levantando-se.

Ora, senhor, acredite que é preciso ter uma paciencia de anjo, para supportar ás suas constantes pequices. (Ouve-se um sino fóra.) Lá toca o sino do jantar, podem ir para a mesa. Vou mudar de vestido; é um instante. (Sae D.)

COMMENDADOR, suspirando.

Vamos, meus senhores. (Vão sabindo D. A.)

CLARA, a Salvador que lhe dá o braço.

O Sr. Salvador, o que minha madraستا sente por meu pai é tambem amor?

SALVADOR.

Não, é odio, odio cruel e implacavel! (Tendo dado o braço a Clara, saem.)

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa o mesmo scenario do acto anterior.

SCENA I.

GUILHERME E SALVADOR SENTADOS AO LADO UM DO OUTRO.

GUILHERME.

Meu caro, Salvador; é para mim de toda evidencia que não vens aqui sómente para saborear os jantares do meu excellente tio, ou para ouvir as prelecções agricolas.

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Asseguro-te que aprecio muito a sua convivencia.

GUILHERME.

Se assim fosse, terias um gosto muito extravagante. O bom do homem nunca foi dos mais agradaveis; comtudo, outr'ora, tinha uma certa rudeza, que dando-lhe o quer que fosse de pittoresco tornava-o pelo menos digno de estudo. Hoje, porém, cabisbaixo, triste e chorão, é uma entidade fastienta, um interlocutor massantissimo. Dize o que te approuver, não é por causa delle que aqui vens passar os sabbados e os domingos; fazendo para isto uma viagem de cinco leguas por pessimos caminhos.

SALVADOR.

Cinco leguas, não.

GUILHERME.

Tu mesmo o disseste.

SALVADOR.

Foi exageração minha.

GUILHERME.

Pois bem, demos quatro e meia, quatro mesmo; ainda assim é uma viagem de cançar.

SALVADOR.

Mas afinal aonde queres chegar?

GUILHERME.

Quero chegar a fazer-te uma pergunta e a receber uma resposta.

SALVADOR.

Para cousa tão simples tantos preambulos?!

GUILHERME.

São necessarios. Ha muitos annos que não nos encontramos, e não sei que idéa fórmas da minha perspicacia.

SALVADOR.

Tenho-a em alta consideração.

GUILHERME.

Não procurarás illudir-me?

SALVADOR.

Não de certo.

GUILHERME.

Pois bem. Ha nesta casa dous pares de olhos menos mãos; uns castanhos, os outros pretos: quaes delles te attrahe aqui?

SALVADOR.

Nenhum! (Levanta-se).

GUILHERME.

Está! Bem vês que os preambulos ainda foram poucos; não te pude convencer que não era um tolo.

SALVADOR.

Asseguro-te que a qualquer dessas senhoras, voto apenas o mais profundo respeito.

GUILHERME.

Mas então porque coraste? (Levanta-se).

SALVADOR.

Eu corei! Que tolice.

GUILHERME, levando-o para defronte de um espelho.

Vê-te ao espelho. Estás passando do carmezim ao roxo. Tranquilla-te, meu rapaz. Essas commoções depois de jantar podem trazer-te uma apoplexia.

SALVADOR.

Já te disse...

GUILHERME.

Poupa-te essa mentira.

SALVADOR, serio.

Guilherme!

GUILHERME.

Queres agora agarrar-te a uma palavra para teres pretexto de brigar comigo? Não t'o darei. (com affectada seriedade) Retiro a expressão. (senta-se) Quantos discipulos tens? Castigas com palmatoria ou com prizão?

SALVADOR.

Não me masses.

GUILHERME.

Quem vencerá nas proximas eleições? O juiz de paz ou o subdelegado?

SALVADOR.

Basta Guilherme... Que serrilha! (Senta-se).

GUILHERME.

Estamos aqui defronte um do outro de perna cruzada e charuto na bocca, nessa beatificação serena, que dá mais uma boa digestão do que uma excellente consciencia. O que havemos de fazer? Conversar, não é assim? Ora na nossa idade que melhor assumpto poderemos achar para discorrer do que olhos castanhos ou pretos. Fallo-te nisso e quasi queres brigar comigo.

SALVADOR.

Que extravagancia! Não me zanguei por fallares em olhos; que tenho eu com isso?

GUILHERME.

Então volto á minha pergunta. São os olhos pretos ou os castanhos que aqui te attrahem?

SALVADOR.

Em primeiro lugar; quaes são os castanhos quaes os pretos?

GUILHERME.

Innocente! Os pretos são os de minha prima; os castanhos os de minha tia.

SALVADOR.

Antes de te responder, peço-te que me digas ainda, porque tanto te interessa saber disso.

GUILHERME.

Unicamente para saber. Com a tua ingenuidade desorientaste a minha observação. A principio, vendo-te cheio de carinhos para com minha prima, supuz ser ella a dama dos teus pensamentos. Mas depois, notando a inexplicavel e subita bruscaria com que começaste a tratar minha tia, disse comigo:— Quem sabe se esse maganão não procura esconder sob o seu affectado máo modo, um sentimento mais terno, e que é minha tia a sua Dulcinéa. Tem-se visto disso. Até cheguei a pensar que não era impossivel que sacrificasses em ambos os altares.

SALVADOR.

Essa supposição... (Ferido).

GUILHERME.

Não protestes appellando para a tua candura. Em cousas amorosas, é justamente dos candidos que eu tenho mais medo. Não são guiados pela reflexão e sim pela natureza. E essa senhora, em que peze aos philosophos, é pessima conselheira.

SALVADOR.

Quer porque eu não seja tão candido, como te apraz dizer; quer porque a natureza seja melhor conselheira do que pintas; o que é verdade é, que não cortejo, nem sou capaz de cortejar duas mulheres ao mesmo tempo. Sobre tudo quando uma é quasi mãe.

GUILHERME.

Madrasta, se me faz favor.

SALVADOR.

E a outra quasi filha.

GUILHERME.

Enteada que é muito diverso. Porém, quero crer, não corres duas lebres ao mesmo tempo. Mas afinal de contas, gavião, quem deve meu tio resguardar de ti? A filha ou a mulher?

SALVADOR.

Repito :— Nem uma, nem outra. (Levanta-se). Queres vir passeiar?

GUILHERME.

Uma palavra ainda. (Levanta-se e retém-no).

SALVADOR.

Temos novas perguntas?

GUILHERME.

Não. Vejo que é inútil lutar contra o teu imperramento; e vou castigar-te dando-te uma lição de franqueza. Em vez de trapaçar, jôgo franco.

SALVADOR.

Prefiro isso.

GUILHERME.

O que eu quero é propôr-te uma liga offensiva e defensiva.

SALVADOR.

Para que?

GUILHERME

A cousa é simples. Ha aqui duas mulheres, minha prima e minha tia; dous homens, eu e tu; meu tio não o conto. E' claro que, não havendo outra cousa a fazer, entre nós quatro hade por força apparecer um romance em que todos representaremos o nosso papel. Ora, odeio a tragedia, o drama

desgrenhado e sangrento. Gosto do que é commodo e pacifico. E entretanto se deixarmos as cousas correr naturalmente, a providencia, que quasi sempre cochilla atrapalhará tudo. De maneira que surgirão ciumes, traições, vinganças e desesperos, quando, se nos concertassemos, só reinaria paz e felicidade.

SALVADOR.

Fallas grego.

GUILHERME.

Vou-te esclarecer. Já, ou d'aqui a algum tempo, a convivencia intima estabelecida entre nós e essas duas raparigas, terá produzido os seus effeitos. Á força de se roçarem os seus vestidos e os nossos paletôts, correntes electro-magneticas ter-se-hão estabelecido, e as duas moças se apaixonarão por nós e nós por ellas. Em que sentido, porém, se estabelecerão essas correntes? Eis o que ninguem pôde prever. Mas eu que desconfio muito como já te declarei da tal providencia, sou capaz de apostar que acontecerá justamente o peor. Tu te abraçarás por aquella que morrer de amores por mim, em quanto eu desejarei a outra, que só para ti olhará. E' isto o que cumpre evitar.

SALVADOR.

Mas como?

GUILHERME.

Immolando-me eu. *Orestes* nunca fez tanto por *Pilades*, *Castor* por *Pollux*. Abraça-me ingrato.

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Não percebi ainda.

GUILHERME.

Se Homero tivesse de cantar-te chamar-te-hia o—craneo granítico. Pois não comprehendes que te estou dizendo:— Amigo não tenho distrações aqui, sinto que vou amar uma dessas mulheres; mas como não quero perturbar a tua felicidade, nem crear-me embaraços para o futuro, dize-me qual dellas escolhes? Fico com a outra: — é sublime!

SALVADOR.

E' cynico, apenas.

GUILHERME.

Deixo passar sem reparo a expressão; para te fazer notar ainda que procedes mal regeitando a minha proposta. Marcharemos nas trévas, em vez de caminharmos illuminados por mil bicos de gaz, e d'aqui a dous mezes, quando muito em vez de sermos dous camaradas que se estimam, odiar-nos-hemos cordialmente, seremos rivaes, inimigos implacaveis, e o que é peor, com a matinada que produzirem as nossas lutas, seremos capazes de acordar o velho, que o menos que póde fazer é mandar-nos apromptar a mala a toque de caixa.

SALVADOR.

Acho engraçado o modo porque dispões do coração dessas senhoras. Como conseguiríamos fazer com que esta amasse a mim e não a ti, e aquella a ti e não a mim?

GUILHERME.

Para dous rapazes de espirito, como nós, a cousa é facilima. Estou certo que uma dellas, já sente grande inclinação por mim. Entendamo-nos, porém, e se a escolheres, prometto-te que d'aqui a seis dias ella só terá carinhos para ti, e que de mim nem se lembrará.

SALVADOR.

Qual dellas te demonstrou essa inclinação?

GUILHERME.

Observo-te que me argues, antes de teres querido responder-me.

SALVADOR.

E' que não notei que qualquer dellas te preferisse.

GUILHERME, fitando-o.

E se eu te dissesse que minha prima já me tem dado mais de uma prova?...

SALVADOR, interrompendo e segurando-o pelo braço.

Dir-te-hia, que mentes.

GUILHERME.

Larga-me o braço... machucas-me.

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Porém...

GUILHERME.

É's um urso intoleravel. Bem fiz eu em não te revelar o meu segredo.

SALVADOR.

Mas disseste que tua prima...

GUILHERME.

Não disse tal. Figurei uma hypothese, que não me deixaste concluir.

SALVADOR.

Guilherme, abusas da minha paciencia.

GUILHERME.

Quousque tandem Catilina abuteré paciencia nostra! Um bonito rasgo de eloquencia; mas que já conta mil e oitocentos e tanto annos; tem ranço.

SALVADOR.

Não mofes.

GUILHERME.

Acalma-te, louco. Sem motivo chegaste a um rompi-

mento comigo, e se eu não me apressar em lançar agua na fervura, d'aqui a pouco puchavas pelo punhal, se és classico; ou tentavas atirar me pela janella se és realista. Que arrebatamento mal cabido! Toda essa conversa foi uma simples brincadeira. Nenhuma dessas senhoras importa-se comigo, nem eu com ellas. Deixo-te agora entregue ao remorso de teres meditado a minha morte. Até logo. (Faz uma sabida falsa, sobe D. A.)

SALVADOR.

O que me dizes é verdade?

GUILHERME, da porta D. A.

Palavra de honra.

SALVADOR.

Bem, esquece a minha vivacidade. (Vai a elle e aperta-lhe a mão. Sae Guilherme).

SCENA II.

CLARA E SALVADOR.

CLARA, entrando D. B. afflicta sem ver Salvador.

Oh! minha mãe! minha mãe!

SALVADOR.

O que tem D. Clarinha, que afflicção é esta?

CLARA.

Estava ahí? Desculpe, não o tinha visto.

SALVADOR.

O que foi que lhe aconteceu?

CLARA.

O que me acontece todos os dias. Não fallemos nisso.

SALVADOR.

Não fallar no que a amofina! Pois acredita que eu possa vêr com indiferença correr o seu pranto?

CLARA.

São cousas domesticas.

SALVADOR.

Vamos, D. Clarinha; confie-me as suas dôres: divididas lhe pesarão menos. Onde achará um coração mais dedicado, e portanto mais digno de receber as suas confidencias?

CLARA.

Já lhe disse, Sr. Salvador, são cousas domesticas: que se dão todos os dias; ou antes a todas as horas; e que me irritam e magoam muito: mas que talvez lhe pareçam puerilidades.

SALVADOR.

Nunca pôde ser para mim uma puerilidade, aquillo que a faz chorar. Sem duvida alguma altercação com sua madrasta?

CLARA.

Sim; a centessima talvez depois da nossa chegada á fazenda.

SALVADOR.

E porque?

CLARA.

Nem mesmo sei. Dei uma ordem, ella immediatamente contrariou-me, mandando fazer cousa opposta. Insisti, ella tambem. Estranhei o seu tom, ella o meu. E depois, sem se alterar, crivou-me de epygrammas tanto mais pungentes, que resvalavam em mim e iam ferir meu pai.

SALVADOR.

Deve queixar-se a elle.

CLARA.

Meu pai, estava presente, e a principio deu-me razão; mas minha madrasta lançou-lhe os olhos, e elle não só collocou-se do seu lado, como até, forçando a sua consciencia, disse-me cousas bem desagradaveis... Oh! isto é insupportavel!

SALVADOR.

De certo. Porém, diga-me D. Clara, nunca fez nada que ao menos explique o rancor que essa mulher lhe vota? A parecença que tem com seu irmão é um motivo tão extravagante!

CLARA.

Nunca. Ao menos não me acusa a consciencia.

SALVADOR.

Nem no presente, nem no passado?

CLARA.

Não. Quando a conheci era eu menina e ella quasi moça, e apesar de ser filha de um arreador, que depois foi aggregado de meu pai, só recordo-me de te-la visto, duas ou tres vezes; porque a expenças de sua madrinha foi educada n'um collegio da Villa, onde demorou-se alguns annos. Nesse tempo fui eu para a côrte, e quando a tornei a ver encontrei-a no lugar de minha mãe; senhora absoluta desta casa. Confesso que, ou por secreta antipathia, ou por me ver subordinada a uma pessoa que eu conhecêra em posição inferior á minha, tratei-a um pouco friamente. Ella recebeu-me do mesmo modo. Ninguém ousava resistir-lhe, affrontei-a, e fui vencida: meu pai sempre tomava o seu partido. Desde então não cessam as altercações. Qualquer pretexto serve-lhe para humilhar-me; e o que ha de mais notavel é que, depois de ter-me maltratado dias e dias, lá vem uma hora, um momento em que me faz as mais ternas caricias. Mas isso logo

cessa, para dar lugar a novas oppressões, que me ferem profundamente.... Não posso mais viver assim; e se isto continuar... não sei... não sei o que será de mim... Ah! quando me verei livre deste inferno. (Indo sentar-se á esquerda).

SALVADOR.

Em breve D. Clarinha.

CLARA, erguendo-se e indo a elle.

Em breve Sr. Salvador?

SALVADOR.

Sim. Ainda não ha muito que eu lhe fallava em esperar; mas é que julgando-a feliz, não ousava dizer-lhe: — venha para a minha pobre casa, venha partilhar o pão do proletario. Queria esperar; porque em troca deste palacete desejava dar-lhe ao menos um ninho delicado. Mas soffre, seu amor proprio é offendido; no meu casarrão esburacado, será rainha, nenhuma dessas cousas lhe acontecerá; e isto compensa bem a falta dos tapetes, dos cortinados de renda e das cadeiras estofadas não é?

CLARA.

Oh! sim!

SALVADOR.

Consentirá seu pai?

CLARA.

Consente de certo. Apesar de tudo sei que me ama. O que peno deve magoa-lo... Ficarà satisfeito com a minha felicidade.

SALVADOR.

E sua madrasta?

CLARA.

Para ella; que ventura o ver-se livre de mim!

SALVADOR.

Vamos fallar a seu pai?

CLARA.

Vá só. Não seria conveniente...

SALVADOR.

E' justo. Onde está elle?

CLARA.

No terreiro.

SALVADOR, sobe.

Se elle negasse-me!... (para).

CLARA.

Não tenha medo. De mais estarei perto para lançar-me a seus pés.

SALVADOR.

Bem. (Descem). Agora seja franca. Deu algum dia motivo a seu primo para elle suppôr que não lhe era indifferente?

CLARA.

Nunca. Quem lhe disse isto?

SALVADOR.

Ha pouco elle m'o deu a entender.

CLARA.

Que fatuo! Andou a queimar-me incenso, a perseguir-me com lisonjas; mas nunca prestei-lhe ouvidos.

SALVADOR.

E' justamente o que eu supunha.

CLARA.

Quer perguntar-me ainda alguma cousa?

SALVADOR.

Não.

PUNIÇÃO.

CLARA.

Pois vá ter com meu pai.

SALVADOR.

Vou : e que Deus nos proteja. (Saem F. E. um apoz outro).

SCENA III.

JULIA E GUILHERME, ENTRANDO DE BRAÇO DADO, B. A.

GUILHERME.

Sondei o nosso mysterioso Salvador.

JULIA.

Com que fim ?

GUILHERME.

Para arrancar-lhe um segredo.

JULIA.

O Sr. Salvador tem segredos ?

GUILHERME.

Tinha um.

JULIA.

E agora...

GUILHERME.

Já não o tem. Mas para apanhal-o foi preciso esforço... O tal sonso é um diplomata soffrivel.

JULIA.

E o que descobrio o meu escudeiro-mór ? (Senta-se em uma cadeira de balanço.)

GUILHERME.

Descobri o motivo que o traz a esta casa.

JULIA, ironica.

Com effeito isso requeria uma finura!...

GUILHERME.

Minha tia, sabe ?

JULIA.

Que elle está, crê, ou finge estar apaixonado por sua prima. Que cousa difficil de adivinhar!

GUILHERME.

E' isso mesmo. (Balançando-se na cadeira.) Mas já que nada ignora ; poder-me-hia dizer se Clara corresponde-lhe.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Namoram-se.

GUILHERME.

Ama-o, então?

JULIA.

Isso não posso afirmar. O que uma mulher esconde é sempre difficil de descobrir, e Clara a esse respeito esconde o que sente. Mas creio que pelo menos o quererá para marido.

GUILHERME.

Ai! as minhas esperanças!

JULIA.

Tinha pretensões á mão de Clara? Agora comprehendo o seu comportamento. A principio quando chegou da côrte desfazia-se em attensões para com o Commendador; mais tarde, porém, julgando talvez, que elle de pouco auxilio lhe seria, voltou-se todo para mim. Está esclarecido o mysterio da sua dedicação.

GUILHERME.

Que injustiça, minha tia!... Eu...

JULIA.

Deixemos isto de parte. Não vale a pena pesquisar taes

minharias, Foi simples reflexão minha... Voltando ao que diziamos: se tinha essas pretensões porque não se fez amar? Era-lhe isto tão facil!

GUILHERME.

Não tanto. Clara repellio-me sempre.

JULIA.

Por culpa sua. Ella está n'uma posição e n'uma idade em que todo aquelle que tiver um pouco de tacto, se apoderará de seu coração, ou pelo menos de seu espirito.

GUILHERME.

E' que havia um motivo.

JULIA.

Qual! Andou errado.

GUILHERME.

E se eu lhe dissesse que a culpa não foi minha?

JULIA.

Foi minha, talvez!

GUILHERME.

Já que me faz fallar, digo-lhe que sim; a culpa foi sua.

JULIA.

Essa agora é galante.

GUILHERME.

Galante, ou não, é assim.

JULIA.

Mas como?

GUILHERME.

Clara sabe que eu sou muito seu amigo.

JULIA.

Oh! meu amigo!

GUILHERME.

Quer queira, quer não, ninguém póde duvidar...

JULIA.

Pois seja. E d'ahi?

GUILHERME.

O proverbio que diz: — quem ama a Beltrão, ama a
seu cão; tem um inverso tão verdadeiro como
quem odeia a Beltrão, odeia a seu cão.

JULIA.

Isto quer dizer, que Clara repelli-o porque o suppõe
meu amigo... Póde ser... (Ergue-se com rancôr.) Oh! esta
familia! esta familia!... O que quer, Guilherme?

GUILHERME.

Desejo que minha tia consiga para mim a mão de Clara.

JULIA.

Falle-me com franqueza. Quanto possue?

GUILHERME.

Nada!

JULIA.

Quanto deve?

GUILHERME.

Trinta contos, pouca mais ou menos. Não ousou calcular
os juros.

JULIA.

Ama a Clara?

GUILHERME, embaraçado.

Minha tia...

*Pertence a
João Floriano
de Santa Bárbara*

Quem quer ter livros os compra

PUNIÇÃO.

JULIA.

Responda.

GUILHERME.

Tenho por ella uma estima... conveniente.

JULIA.

E' portanto, uma especulação que quer fazer.

GUILHERME.

Minha tia offende-me!

JULIA.

O gesto não foi máo; a intonação regular; mas debalde esforçou-se para impallidecer: é um artista mediocre.

GUILHERME.

Póde zombar de mim; tem todo o direito. Mas é injusta quando duvida da minha lealdade.

JULIA.

Oh! ponha de parte a sua lealdade. Ella não tem nada que ver neste negocio. Quer então a mão de Clara!

GUILHERME.

E' a minha ultima taboa de salvação.

JULIA.

Pois fique tranquillo; não se hade afogar.

GUILHERME.

Como é boa. A minha gratidão...

SCENA IV.

OS MESMOS E O COMMENDADOR.

COMMENDADOR.

Desejo muito fallar contigo, Julia. Guilherme, vai dar um passeio.

GUILHERME.

Pois não, meu tio. (Sae F. D.)

JULIA, senta-se á mesa.

O que tem a dizer-me, senhor?

COMMENDADOR.

Quero annunciar-te uma boa nova.

JULIA.

Com effeito, vejo que está alegre. Seu filho deu-lhe algum neto?

COMMENDADOR.

Não se trata de meu filho; mas sim de Clara.

Ah!

JULIA.

COMMENDADOR.

Acabam de pedir-m'a em casamento.

JULIA.

De certo algum fazendeiro rico e afidalgado?

COMMENDADOR.

Não; mas um moço muito digno de estima. E' pessoa de teu conhecimento. Vê se atinas?

JULIA.

Não quero fadigar-me. Diga logo.

COMMENDADOR.

Pois bem, foi o Salvador.

JULIA.

Salvador de Almeida!

COMMENDADOR.

Sim.

JULIA.

O mestre de escola?

COMMENDADOR.

O director de um collegio.

JULIA.

E o que respondeu o senhor?

COMMENDADOR.

Que estimava muito.

JULIA.

Então zombou delle?

COMMENDADOR.

Não ha tal; disse-lhe o que sentia.

JULIA.

Pois o senhor concede sua filha, a filha do commendador Castro, proprietario da fazenda do Turvo, a um simples mestre de escola, sem eira nem beira, e que segundo dizem, não sabe o nome de seu pai?

COMMENDADOR.

E' um moço honesto, intelligente, laborioso, e o que póde

tocar a Clara da legitima materna, junto com o que lhe darei, chega bem para dous.

JULIA.

Não caio em mim! Falle serio; deu deveras o seu sentimento?

COMMENDADOR.

Dei.

JULIA.

E' de espantar! Conheci outr'ora um commendador Castro, que tinha um filho. Esse filho namorou-se de uma menina honesta, intelligente e laboriosa...

COMMENDADOR.

Basta, Julia, porque voltar a esse homem que já não existe, que tão caro pagou a sua tresloucada vaidade?

JULIA.

Ah! espere, espere. Esse commendador, que eu conheci era rico, e hoje está arruinado. Isto explica bem certas mudanças.

COMMENDADOR.

Não; não foi isto... Tenho aprendido muito Julia, e sei que Deus castiga os pais que impedem a felicidade dos filhos. Quando eu apresentava a Salvador algumas objecções,

Clara appareceu-me; havia tanta dôr naquelle rosto candido que, lembrando-me do passado, consenti no que ella pedia-me com os olhos afogados em pranto. Ambos prenderam-me em seus braços; encheram-me de caricias, e eu fui por um momento feliz... Ha cinco annos que tal não me acontece! Agora espero com anciedade que chegue o dia em que os verei unidos, abençoando a minha cabeça branca.

JULIA.

Scena patriarchal e commovente!... Mas noto, que perdido nesse enlêvo esqueceu-se de uma cousa.

COMMENDADOR.

De que?

JULIA.

E' que devo ser ouvida, e talvez não approve esse consorcio.

COMMENDADOR.

O motivo?

JULIA.

Essa menina é minha enteada, tenho obrigação de velar sobre ella. Não é assim?

COMMENDADOR.

De certo.

JULIA.

Ora, penso hoje como o senhor pensava outr'ora. Salvador é pobre e de nascimento obscuro. (Ironica.) Não quero que entre na familia a que tenho a honra de pertencer.

COMMENDADOR.

Julia!

JULIA, erguendo-se.

Não quero, ouvio?

COMMENDADOR.

Porque assim me privas da unica ventura que eu ainda poderia ter?

JULIA.

Não é da sua ventura que se trata: e sim da de Clara.

COMMENDADOR.

Porém ella ama-o.

JULIA.

Hade esquecel-o. Entra em tudo isto mais a cabeça do que o coração. Escolheremos para ella um marido conveniente.

COMMENDADOR.

Mas pensa...

JULIA.

Quanto mais penso, mais me decido a oppôr-me a esse tolo e romanesco casamento.

COMMENDADOR.

Que tyrannia!... Separar dous entes que se amam.

JULIA.

Nos seus labios como essa phrase sentimental parece-me engraçada!

COMMENDADOR.

E esse pobre Salvador, como vai ficar?

JULIA.

Oh! esse pôde estourar. O que nos importa? Tratemos de fazer felizes os nossos; os outros que arreentem.

COMMENDADOR.

A minha palavra está dada. Como retiral-a?

JULIA.

Diga-lhes que fui eu quem se oppôz: tomo toda a responsabilidade.

COMMENDADOR.

Então nada te pôde vencer?

JULIA.

Nada.

COMMENDADOR.

Isto é insoffrivel. (Com resolução). Desejo este casamento.

JULIA, fita os olhos no Commendador que abaixa os seus.

E eu não o quero. Se não retirar a sua promessa, retirar-me-hei eu de sua casa.

COMMENDADOR, subjugado.

Bem, Julia, será feita a tua vontade. (Julia estende-lhe a mão que elle beija com transporte). Obrigado, obrigado! Pensas sempre melhor do que eu. (Sae F. E.)

SCENA V.

GUILHERME E JULIA.

GUILHERME, entrando D. A.

Minha providencia, meu anjo tutelar.

JULIA.

Escutava ás portas!... Não sabia que tinha mais esse defeito. (Senta-se na cadeira de balanço).

GUILHERME.

Quem não faria o mesmo. Ao sahir d'aqui encontrei Salvador e Clara; estavam radiantes. Meu tio, promettêra

casal-os... A alegria destes dous pombinhos fazia-me mal, os seus arrulhos amorosos incommodavam-me. Com tudo, dei-lhes os parabens; mas parece que a minha phisionomia protestava contra as minhas palavras, pois Salvador, disse-me: — Dás-me parabens com a mesma cara com que me darias os pezames. E pôz-se a rir; Clara rio-se com elle; e, até eu me ri, minha tia.

JULIA.

O meu escudeiro-mór é um heróe.

GUILHERME.

Mas aquella scena cançava-me. Retirei-me. Alguma cousa entretanto dizia-me, que nada ainda estava perdido, pois restava-me minha tia, para proteger-me. E como era evidente que a conversação em que a deixei com meu tio não podia versar sobre outro assumpto, passando pela porta, não resisti, e puz-me á escuta. Tudo ouvi, e agradeço-lhe do fundo d'alma.

JULIA, desdenhosa.

Não tem de que.

SCENA VI.

OS MESMOS E CLARA.

CLARA, entrando fóra de si F. E.

Senhora! senhora! eu quero uma explicação. O seu procedimento para comigo é intoleravel, indigno!

JULIA.

A menina está fóra de si, acalme-se primeiro.

CLARA.

Posso por ventura estar calma, senhora, quando vejo a minha vida inteira enlutada por um capricho seu? Não lhe bastava o que me tem feito soffrer.

GUILHERME.

Modere-se, minha prima. Não deve fallar assim a sua madrasta, que tanto a estima.

CLARA.

O primo não sabe de certo o que se passou. Meu pai, depois de ter accedido ao pedido da minha mão, que lhe fizera o Sr. Salvador, teve uma entrevista com a senhora, e voltando para nós, sem ousar encarar-nos, disse, que o nosso casamento era impossível. Venho perguntar á senhora — porque?

JULIA.

Porque o Sr. Salvador não tem aonde cahir morto, e ninguém sabe quem foi seu pai.

CLARA.

Não esperei que me desse essa resposta, a filha de um arriador casada com seu amo. Compreendo-a, senhora. Odeia meu pai; porque, não sei; mas odeia-o e muito; e

não contente em pizar com o tacão de sua botina a cabeça desse velho respeitavel, quer ainda tortural-o em seus filhos.

GUILHERME.

Prima, olhe que é uma ingratidão. Está pagando mal o interesse que lhe consagram.

CLARA.

Deixe-se dessas palavras. A senhora não me estima, nem eu morro de amores por ella. Nesse ponto estamos quites.

JULIA, levanta-se.

Então porque vem tomar-me contas, pedir-me explicações?

CLARA.

Tenho esse direito. Trata-se da minha felicidade. O que queria eu? Livrar-me da sua influencia. Deixava-a senhora absoluta desta casa em que nasci; pondo e dispondo do que é meu e do que pertenceu a minha mãe. Nada mais ambicionava do que ir partilhar a pobreza do homem a quem amo, e isso mesmo não se me concede. Oh! Deus a ha de castigar senhora. (Desfaz-se em pranto.)

JULIA, commovida.

Oh! o que me estás lembrando! Houve um dia em que chorei como tu, e como tu amaldiçoei a mão que me opprimio!... Não chores Clara, não chores.

CLARA.

Se soffro tanto!

JULIA, chamando-a a si.

Pobre criança!

CLARA.

Que mal lhe fiz eu para torturar-me assim?

JULIA.

Tens razão, tens razão. Eu é que sou uma má mulher... Não o era, fizeram-me... Não chores mais Clara.

CLARA.

Hei de chorar toda a vida.

JULIA.

Oh! que barbaridade foi a minha; fazer soffrer uma innocente, pelos crimes por outrem commettidos. (Abraça Clara. Aparecem na porta o Commendador e Salvador).

SALVADOR, ao Commendador.

Hei de fallar-lhe.

COMMENDADOR, detendo-o.

Dirija-se a mim, senhor, sou o unico responsavel.

JULIA, ao Commendador.

Sr. commendador Castro, peço-lhe a mão de sua filha, para o Sr. Salvador de Almeida.

CLARA, lançando-se nos braços de Julia.

Minha mãe!

SALVADOR.

Senhora!

GUILHERME, a Julia baixo.

Não entendo...

JULIA, a Guilherme.

E' natural. (A Clara). Perdoa-me ter-te feito soffrer.

CLARA.

Não me lembra mais disso... só sei que lhe devo tudo.

JULIA.

Eu é que te devo muito. A desgraça tornára arido o meu coração, as tuas lagrimas o fizeram reflorescer.

COMMENDADOR.

Obrigado, Julia.

JULIA, mudando de tom.

Senhor, porque veio despertar-me?

COMMENDADOR.

Então para mim nunca haverá piedade?

JULIA.

Nunca!

CLARA.

Minha mãe!

JULIA.

Não toques criança, na ferida que sangra. (Ouvem-se feia repiques de sinos e gritos — Viva! viva!)

COMMENDADOR.

O que é isto? O que é isto?

SCENA VII.

OS MESMOS E AUGUSTO.

AUGUSTO, em trages de viagem; entrando arrebatado.

Meu pai! meu pai! (dando com Julia). Julia aqui! Deus seja bem dito. (Caminha para Julia, o Commendador interpõe-se). Obrigado, meu pai, obrigado; é o premio da minha obediencia; não podia ser maior. Quanto lhe devo! (Lança-se nos braços do Commendador).

JULIA, segurando-se a uma mesa para não cair.

Ah! é horrivel... O infame mentio-me.

COMMENDADOR.

Augusto, meu filho; Julia é...

AUGUSTO.

Já adivinhei, minha mulher! (Querendo ir para Julia.)

COMMENDADOR, detendo-o.

Tua madrasta.

AUGUSTO.

Minha madrasta! A alegria endoudece-me, não me disseram isto; ouvi mal. Julia, por piedade. Minha irmã; meu primo... O que isto quer dizer... Todos callados! Será verdade! Oh! é mintira, sou eu que enlouqueço, não é assim? (A Julia.) Falla, falla, dize que este velho mentio!

JULIA, cahindo de joelhos.

Perdão, Augusto, eu não sou culpada!

AUGUSTO.

Oh! miseraveis... eu os amaldiçôo a todos! (Sae precipitadamente; Guilherme vai á porta.)

JULIA, ergue-se e quer acompanhá-lo e Commendador a retém. Bradando.

Augusto! Augusto!

GUILHERME, chegando á porta e olhando para fóra.

Lá tira uma pistola. (Salvador corre a traz de Augusto, Julia empurra o Commendador e quando vai a sahir ouve-se um tiro),

JULIA, cahindo redondamente.

Jezus!

COMMENDADOR.

Matei meu filho!

ACTO TERCEIRO.

O senario dividido pelo meio, representa á D, um quarto de dormir; e á E. uma saleta. No quarto ha uma cama, junto da cama uma *table nuit* sobre esta um frasquinho com laudano, um copo e um assucareiro. No segundo plano ha um lavatorio, uma comoda, e sobre esta uma caixa de cirurgia aberta, panno para curativo e uma lamparina de porcelana, acesa; deitado na cama está Augusto dormindo; a camisa entre aberta deixa vêr um apparelho de cirurgia; no espaldar do leito está Clara de pé; sentado junto á cabeceira vê-se o Doutor. Aos pés da cama, escondido por ella, está o Commendador, sentado no chão, a cabeça apoiada sobre as mãos e os cotovellos sobre os joelhos. Na saleta, primeiro plano Salvador e Guilherme embuçados em amplos sobretudos, descansam em largas poltronas. No segundo plano mas bem á vista do espectador está Julia com a cabeça sobre os braços e estes sobre um consolo. As velas que illuminaam a saleta em grandes serpentinas de prata estão quasi consummadas. De

vez em quando brillam relampagos ; o vento zune, e a chuva açouta as janellas. Silencio até que um ronco de trovão se faz ouvir.

SCENA I.

GUILHERME, SALVADOR E JULIA, (NA SALETA) AUGUSTO,
CLARA, DOUTOR E O COMMENDADOR (NO QUARTO.)

GUILHERME, acordando sobresaltado.

Apre, que ronco ! Ouviste ?

SALVADOR.

Ouvi.

GUILHERME.

Acordou-me no melhor do somno.

SALVADOR.

Dormias ?

GUILHERME.

E até sonhava.

SALVADOR.

Ah !

GUILHERME.

E um sonho engraçadissimo ; uma verdadeira parabola

digna de ser offerecida á mocidade inexperiente. Queres que t'o conte ?

SALVADOR.

Como te aprouver.

GUILHERME.

Estavamos no hotel Provenceaux, eu, e uma rapariga muito minha conhecida : se era a Pimpona, se a Margarida não te posso dizer, mas era bonita e sem preconceitos. Como facilmente imaginas, havia sobre a meza mais de uma garrafa de Champagne, porém o que dellas corria, cousa prodigiosa, não era vinho, e sim as minhas vinte acções do Banco do Brasil, que a pequena engorgitava uma apóz outra com pasmoso desembaraço. Servi-lhe um *paté de foie gras* ; eram as minhas duas casas da rua Direita ; devorou-as n'um abrir e fechar d'olhos. Passei-lhe umas *croquettes* ; transformação de cinco apolices ; foram-se. Com seus dentinhos de perola e labios côr de rosa, a rapariga engulira toda a minha fortuna ; não era uma mulher era um tubarão.

SALVADOR.

E' comprido o teu sonho ?

GUILHERME.

Estamos no final. Quando já não havia mais nada sobre a mesa ella ergueu-se ; e com um gesto gracioso, apontou-me para a porta ; deu o braço a um monte de ouro que alli appareceu, sob a fórma de um repugnante velho, e foi cear de novo com elle em outro quarto

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

Acabaste?

GUILHERME.

Ainda não. Como um cavalheiro que sou, peguei no chapéu e saí. Ao chegar á porta quiz ver as horas no meu relógio; não o achei; por engano a minha comensal o devorára também. Que sonho notavel! E' a minha historia sem tirar nem pôr. O que dizes?

SALVADOR.

Nada.

GUILHERME.

Perdão; tinha-me esquecido que fallava com um homem serio. Estas cousas te arrepiam.

SALVADOR.

Confesso; acho-as improprias do lugar e da situação.

GUILHERME, olhando em torno de si.

Com effeito a decoração é lugubre. (Ouvem-se duas pancadas de relógio). Duas horas? Ah! se eu pudesse dormir outra vez!.... (Levanta-se). Não haverá por aqui alguma cousa com que eu me cubra? Faz um frio de mil diabos.

SALVADOR, levanta-se e põe a sua cadeira mais ao F. E.

Como podes dormir n'uma noite destas?

GUILHERME.

A chuva e o vento, quando estou acoberto fazem-me somno. A ti, pelo que vejo, despertam.

SALVADOR.

Não é o temporal que lá fóra zune; são as tempestades que vão por estes corações que nos cercam; são essas dôres pungentes que temos sob os nossos olhos, que enchendo-me de compaixão, espancam-me o somno. — Vê aquella pobre mulher.

GUILHERME.

E' feliz; dorme (Senta-se) e dorme profundamente; nem o torvão que me despertou a fez estremecer.

SALVADOR.

Julgas isto! (Chegando-se para Julia). Minha senhora...

JULIA, erguendo a cabeça.

Ah! Sr. Salvador...

SALVADOR.

Faz tanto frio, e está tão ligeiramente vestida; não quer ao menos um chale?

JULIA.

Faz frio? Não sinto.

SALVADOR, tomando-lhe a mão.

Com effeito a sua mão queima. Vai ficar doente.

JULIA.

Não, sou forte. (Deixa de novo cair a cabeça).

SALVADOR, vindo para Guilherme.

Coitada!

GUILHERME

Não poetises; está agora bem tranquillã.

SALVADOR.

Aquella tranquillidade é terrivel. A infeliz soffre tanto que nem pôde chorar. Viste o pallido sorriso que lhe pairava nos labios; a fixedez ardente d'aquelles olhos orlados de negro? Ha ali um poema de amarguras. A desgraçada levou cinco annos a subir o calvario; hoje está na cruz!

GUILHERME.

E como vai o velho?

SALVADOR.

Ficou idiota. Debalde o quizemos tirar de junto do filho. Não houve forças humanas que o conseguissem. Chorou, rogou, lutou, e tivemos de deixal-o ali, aos pés da cama, murmurando palavras sem sentido.

GUILHERME.

Pobre tio!! Decididamente estou enregelado (levanta-se). Vou para o meu quarto ver se durmo. Não tenho geito para enfermeiro. Ficas?

SALVADOR.

Fico.

GUILHERME.

Então boa noite.

SALVADOR.

Boa noite... Egoista... (Senta-se na poltrona, Guilherme encolhe os hombros e sac F.).

DOCTOR, levantando-se; a Clara.

Seu irmão, dorme agora mais tranquillo: vou descansar um pouco. Quando elle despertar dê-lhe tres ou quatro gôtas deste remedio em um copo d'agua com assucar. Se houver novidade mande-me chamar.

CLARA.

Bem, Doutor, tres ou quatro gôtas, não?

DOCTOR.

Sim, em um copo d'agua com assucar. (Sac, porém ao passar pela saleta Julia ergue-se e segura-o pelo braço. Salvador levanta-se. Clara senta-se na cadeira do doutor á D.)

JULIA.

Uma palavra, Doutor.

DOUTOR.

O que deseja minha senhora?

JULIA.

Saber a verdade.

SALVADOR.

D. Julia!

JULIA, repellindo a Salvador.

Perdão, Sr. Salvador. Doutor enotaram-me daquelle quarto; occultam-me o que se passa, e eu quero saber tudo, tudo! Trata-se de mais do que da minha vida. A ferida é grave?

DOUTOR.

Gravissima, infelizmente.

JULIA.

Gravissima, diz! Oh! meu Deus! meu Deus! (Torce os braços com desespero e cae sobre uma cadeira á E.)

SALVADOR, indo a ella.

O que tem, D. Julia, o que tem?

DOUTOR, amparando a Julia; a Salvador.

Um ataque. Corra á botica e traga-me um pouco de ammonia. (Salvador sae. O Doutor continúa a prestar soccorros a Julia. Ouve-se o trovão.)

COMMENDADOR.

Matei meu filho! Matei meu filho!

CLARA, indo a elle, rapido.

Por piedade, meu pai, calle-se.

COMMENDADOR.

Ah! és tu, Clara: tambem não morreste?

CLARA.

Ninguem morreu, meu pai, socegue. O mano dorme. Porque não vai para o seu quarto.

COMMENDADOR.

Dorme! Posso vel-o? Consentes? (Querendo erguer-se).

CLARA.

Sim, mas não faça barulho.

COMMENDADOR.

Não. Tenho medo, vai amaldiçoar-me de novo. (Volta á primeira posição. Clara vai sentar-se.)

Clara quer ter lições as lampas

SALVADOR, entra na sala e entrega um vidro ao Doutor.

Aqui está Doutor.

DOCTOR.

Bem. (Faz Julia respirar o vidro de ammonia). Volta a si.

SALVADOR.

Oculte-lhe o mais possivel a verdade.

JULIA, despertando.

Ah!

DOCTOR.

Minha senhora.

SALVADOR.

Tenha animo, D. Julia, tenha animo.

JULIA, erguendo-se com impeto.

Quero vê-lo.

DOCTOR.

E' impossivel.

JULIA.

Quero vê-lo, já disse. Quem me hade obstar?

DOCTOR.

D. Julia, tranquillise-se, por quem é...

JULIA.

Tranquillisar-me, quando elle morre talvez. Oh! os senhores não sabem...

SALVADOR.

Calle-se, D. Julia, calle-se.

JULIA.

Tem razão, meu amigo, tem razão. (Com impeto). Mas quero vê-lo; dizer-lhe o ultimo adeus. (Atirando-se de joelhos). Por piedade Sr. Doutor, pelo amor de Clara, Sr. Salvador, abram-me aquella porta, abram-me aquella porta!

DOCTOR.

Não póde ser minha senhora. O Sr. Augusto dorme, e cumpre não perturbar-lhe este somno, que talvez o salve. Elle está agora melhor.

JULIA, erguendo-se.

Está melhor, Doutor? está melhor? Ha então esperanças...

DOCTOR.

Todas, minha senhora.

JULIA, tornando-se sombria.

Mas ainda ha pouco, o senhor dizia-me que elle estava mal. Oh! Doutor, se me engana, se me illude...

SALVADOR.

Não; a dôr é que lhe perturba as idéas. O que o Doutor disse foi que a ferida era séria; mas não mortal.

JULIA.

E' verdade, Doutor?

DOUTOR.

E' minha senhora. Tenho esperanças.

JULIA.

Só esperanças?

DOUTOR.

Direi mesmo, certeza de salval-o.

JULIA.

Certeza de salval-o! Oh! Virgem Santissima, obrigada!

DOUTOR.

Agora socegue; não faça o menor ruido.

JULIA.

Vou rezar. (Ajoelha-se).

SALVADOR.

Sim, reze; o céo hade ouvi-la. (Salvador e o Doutor ficam conversando no F.).

COMMENDADOR.

Matei meu filho! Matei meu filho!

CLARA, erguendo-se.

Silencio, meu pai.

AUGUSTO, acordando.

Quem está ali?

CLARA, indo a Augusto.

Sou eu, Clara.

AUGUSTO.

Minha irmã. (Olhando em torno de si). E elles não estão aqui?

CLARA.

Quem?

PUNIÇÃO.

AUGUSTO.

O meu algaz; e essa mulher sem coração, que vendeu o corpo por um punhado de ouro. A infame que fizeram tua madrastra.

CLARA.

Porque falla assim? Coitados, soffrem tanto.

AUGUSTO.

Soffrem! oh! repete-me que soffrem, que morrerei contente.

CLARA.

Não; não hade morrer.

AUGUSTO.

Pobre Clara! (Tosse e lança no lenço uma golfada de sangue). Olha.

CLARA.

Sangue? Vou chamar o Doutor.

AUGUSTO.

E' inutil. A bala atravessou-me o pulmão... Heide morrer por força. Não saias de ao pé de mim. Quando fechar os olhos pela ultima vez, quero ao menos apertar uma mão amiga.

CLARA, preparando-lhe o remedio.

Não diga isto. Tome esta beberagem.

AUGUSTO.

O que é?

CLARA.

Um remedio, tome.

AUGUSTO.

Já te disse, é inutil.

CLARA.

Por amor de mim.

AUGUSTO.

Bem; tomo. (Bebe). Felizmente não me hade curar.

CLARA, pondo o copo sobre a—table de nuit.

Então, queres morrer? Queres deixar-nos?

AUGUSTO.

Não póde ser de outro modo. Quando a fatal verdade surgio ante mim, não tive tempo de reflectir. O que fiz, fiz allucinado...

CLARA.

Ainda bem.

AUGUSTO.

Mas agora que estou calmo, reconheço que se fosse ainda necessario, faria de novo aquillo que o desespero ditou-me.

CLARA.

Meu irmão! (Senta-se).

AUGUSTO.

Ah! não conheces a minha vida, se a conhecesses comprehenderias como todas essas torpezas de que fui victima enjoaram-me da existencia. (Clara chora). Não chores; que me magôas. Dá-me a tua mão, e ouve o meu ultimo conselho. Não traias nunca o homem que te amar; é uma cousa horrivel a traição.

SALVADOR, na salêta a Julia.

Minha senhora, porque não vai tomar um pouco de repouso? Deve estar fatigadissima. Esses abalos não se supportam impunemente.

JULIA, erguendo-se.

Agora sinto-me bem, muito bem. Nossa Senhora das Dôres nos hade proteger. Quando resava pareceu-me vê-la sorrindo para mim.

UM PAGEM, entrando.

O Sr. Vigario chegou.

JULIA, erguendo-se.

O Sr. Vigario aqui! (Entra o Vigario). Oh! illudiram-me. Augusto está em perigo. E' preciso que sejam muito mãos para assim zombarem da credulidade de uma pobre mulher.

VIGARIO.

Minha filha, o que tem?

JULIA.

E' um supplicio superior ás forças humanas; dão-me esperanças, para depois lançarem-me no inferno. Quem o mandou chamar, Sr. Vigario?

VIGARIO.

Recebi um recado do Doutor para que aqui viesse prestar os soccorros do meu santo ministerio a Augusto, que segundo disseram-me, está á morte.

JULIA.

Está á morte! E foi o Doutor quem mandou dizer isto... Oh! quero ve-lo, quero ve-lo. (Caminha para a porta).

SALVADOR, retendo-a.

Não póde ser: não póde ser!

DOUTOR.

Esse ruido faz mal ao nosso doente.

JULIA, baixo, mas decidida.

Quero ir vê-lo; quero ir vê-lo.

SALVADOR.

Não: não hade ir; seria mata-lo. Ouvio? seria mata-lo.

JULIA.

Isto é atroz! Padre o senhor mentia quando me ensinava que havia um Deus de justiça e misericordia. (Ronca o trovão).

VIGARIO.

Calla-te filha; não ouves a sua voz!

JULIA.

Aquelle que se revella no raio que fulmina e na dôr que esmaga — não é Deus.

VIGARIO.

Julia, treme...

JULIA.

Tremam os fracos; não eu. E é em face dessa natureza

medrosa, que geme, chora e se estorce sob a mão de ferro que a tortura, que eu quero dizer a suprema verdade! (Corre a janella da E e abre-a. Relampagos, trovões e raios. Os tres recuam ella avança). O clarão dos relampagos não me deslumbra; o troar do trovão não me atordôa; o estalar do raio não me acobarda... Gigantes da floresta que no chão rojais humildes a vossa copa, ergueia! Féras que estremeceis agachadas nos vossos covis, levantai-vos, e olhando para o céo, bradai comigo: — Deus não existe! (Solta uma gargalhada nervosa e cae sobre uma cadeira). Ah! ah! ah!

VIGARIO, cobrindo o rosto com as mãos.

Desgraçada!

DOUTOR, correndo a ella.

E' uma terrivel crise nervosa. Cumpre retira-la daqui: temo que enlouqueça. Ajude-me Sr. Salvador. (Carregam-na na cadeira para dentro, e ella continúa a soltar gargalhadas).

VIGARIO, erguendo os braços para o céo.

Senhor, vós que perdoastes a Paulo, perdoai tambem a essa infeliz desvairada pela dôr... Se alguma cousa hei feito em vosso serviço, aceitai a minha supplica — desfechai sobre mim a vossa colera! (Salvador entrando F. Vigario á Salvador). Como a deixou?

SALVADOR.

Completamente sem sentidos.

VIGARIO.

Misera!

PUNIÇÃO.

SALVADOR.

O Sr. Vigario não imagina as dôres que vão por esta casa.

VIGARIO.

E Augusto o que lhe aconteceu?

SALVADOR.

Chegou hoje inesperadamente, e quando soube que seu pai desposára D. Julia, ficou allucinado e disparou em si um tiro de pistola.

VIGARIO.

Pois ignorava?!

SALVADOR.

Sabia, creio eu, que o Commendador, com quem se não correspondia, tinha casado; mas ignorava o nome de sua madrastra, e nem podia imaginar que fosse D. Julia.

VIGARIO.

Percebo agora. Pobre Augusto! E o pai, o Commendador, como supportou o golpe?

SALVADOR.

O golpe amiquilou-o.

VIGARIO.

E' a justiça de Deus! Ha alguma esperanza de salvar esse desventurado rapaz?

SALVADOR.

Diz o Doutor que nenhuma. Daqui a algumas horas será cadaver.

VIGARIO.

Vamos vê-lo.

SALVADOR.

Vamos. (Vão a sahir.) Porém cuidado, padre, aquella alma está profundamente chagada. Não a magôe mais. Conte-se em derramar sobre as suas feridas o santo balsamo da religião.

VIGARIO.

Pedirei ao Altissimo as forças necessarias para trazer sem dôr ao aprisco a ovelha desgarrada.

SALVADOR, abrindo a porta de communicação com o quarto.

E' aqui.

CLARA, correndo a elles.

Não façam barulho, dorme. (Dando com o Vigario.) Ah!
Sr. Vigario. (Beija-lhe a mão.)

PUNIÇÃO.

VIGARIO.

A paz do Senhor esteja contigo.

COMMENDADOR.

Matei meu filho! Matei meu filho!

CLARA.

Silencio, meu pai.

VIGARIO.

O Commendador! Coitado, como está velho! Não o reconheceria.

COMMENDADOR.

Ah! Sr. Vigario! Bom dia... vem ver realisadas as suas profecias?

VIGARIO.

Meu filho...

COMMENDADOR.

Disse-me que havia de ser castigado pela morte de Flavio... adivinhou, fui. Olhe... sabe... matei meu filho!

VIGARIO.

Está enganado, seu filho vive.

AUGUSTO, gemendo.

Ah!

CLARA.

Vae despertar.

COMMENDADOR.

Vae despertar? Eu me escondo, ouviste Clara, eu me escondo. Não me ponham fóra, por caridade. Não é Sr. Vigario, o senhor não ha de consentir nisso?

CLARA.

Ninguem o porá fóra: mas aquiete-se.

AUGUSTO.

Clara?

CLARA, vae a elle.

Meu irmão.

AUGUSTO.

Que vozes são estas?

CLARA.

E' o Sr. Vigario.

AUGUSTO, ergue-se a meio corpo.

O meu velho mestre?

VIGARIO.

Sim, Augusto; o teu velho mestre, que te ensinou a ler; o padre que te baptizou e ouviu a tua primeira confissão.

AUGUSTO.

E que vem ouvir a ultima; obrigado.

VIGARIO.

O Omnipotente não o ha de permittir; mas se fôr essa a sua vontade, resigna-te...

AUGUSTO.

A morrer, padre? E' facil. Se eu não quero outra cousa!

VIGARIO.

Filho, filho!

SALVADOR.

Eu me retiro. Não vens Clara?

CLARA.

Deixal-o?

VIGARIO.

Vae tranquilla; fico. (Sahem Salvador e Clara—Vigario a Augusto depois de ter cerrado a porta de communicação.) Ouve-me Augusto... (Senta-se).

AUGUSTO.

Sei o que me vae dizer; Sou um grande criminoso; attentei contra a minha vida, e portanto desobedecei ao Creador. Banalidades! Acaso o prisioneiro não tem o direito de quebrar os ferrolhos da prisão em que o encarceraram? (Tosse.)

VIGARIO.

Não blasphemem.

AUGUSTO.

Não blasphemo. Ou ha, ou não ha alma. Se a alma existe, se não é um sonho de poeta, a minha, livre da pesada argilla que a envolvia, remontar-se-ha ao céo, e ajoelhada aos pés do creador, dir-lhe-ha:—Pai, o mundo em que me lançaste era uma lobrega masmorra. Torturaram-me alli sem dó nem consciencia; fizeram-me murchar todas as minhas esperanças; reduziram ao nada todos os meus sonhos. Verguei-me a principio; mas quando o martyrio subio de ponto, não pude mais; rompi os grillhões que prendiam-me áquelle lamaçal, e vim prostrar-me ás tuas plantas; tu que és todo amor, todo compaixão, julga-me. E Deus me perdoará; porque elle bem sabe o que tenho soffrido no mundo. Se não ha alma, amanhã começará a desagregação da materia.

Parte, irá vegetar nas fôres, parte se perderá no seio da athmosphera. Eis-ahi tudo.

VIGARIO.

Que desgraçado sophisma! Deus deu-te uma missão; fez-te élo de uma cadêa que se perde no infinito, e tu covardemente abandonaste a tua missão e violentamente rompeste a cadêa. Com que direito? Porque soffrias! Razão pueril. Não ha soffrimento que justifique a falta de um dever; e viver, era para ti um dever sagrado; porque pertences a uma sociedade que precisa de auxilio de todos os seus membros para alcançar o fim mysterioso, mas sem duvida grande para que foi creada. E que soffrimentos eram os teus?

AUGUSTO.

Padre, vio-me menino, venero-o muito; mas peço-lhe que não me argua a respeito dos motivos que levaram-me a dar esse passo, que, confesso, a mim mesmo me parece um crime.

VIGARIO.

Encontro, emfim, o meu Augusto. Não era elle quem fallava ha pouco.

AUGUSTO.

Era o meu espirito, não a minha consciencia e a consciencia julga melhor do que a fraca razão do homem.

VIGARIO.

Então, arrependeste?

AUGUSTO.

Não. Esse crime eu o commetteria de novo, se a bala que me atravessou o peito não fosse bastante para dar-me a morte.

VIGARIO.

Deliras!

AUGUSTO.

Estou perfeitamente calmo. E' que sou fraco. A situação em que me collocaram, era intoleravel; não podia sahir della senão por esse crime; não hesitei: como não hesitaria ainda. (Tosse).

VIGARIO.

Não falles mais, que te estás matando.

AUGUSTO.

Não; padre, fallemos sempre, mas de outro assumpto. Sabe que doces visões evoca a sua presença? Que gratas recordações vem bafejar a minha fronte já banhada pelo suor da agonia?... Estou-me vendo creança, correndo com o senho pelos prados atraz das borboletas, ou de mãos postas entre os seus joelhos, recitando as orações que minha mãe me ensinava; minha mãe, que ali enxergo, sentada em sua poltrona, com aquelle sorriso triste que lhe entreabria os labios, sempre que me fitava; seu coração lhe dizia que eu seria desgraçado! Estou-me vendo mancebo, atravessando o arraial sobre o meu cavallo preto; alegre, cheio

de vida, fazendo-o estacar á porta da sua modesta morada. E' a infancia, padre, com os seus brincos e os seus descuidos. E' adolescencia com as suas esperanças e illusões, — felicidade e amor. (Com uma gargalhada nervosa). Amor!... que cousa grotesca e dolorosa, padre, não é? Ah! ah! ah! (Deixa-se cahir sobre o travesseiro).

VIGARIO.

O que tens?

AUGUSTO.

O que tenho? E' que sou tão desgraçado, que mesmo essas doces recordações encerram espinhos que me ferem pungentemente. Não fallemos tambem dellas... Ha muitos pobres na freguezia?

VIGARIO.

Alguns.

AUGUSTO.

Tome este anel; venda-o e distribua por elles o producto. E' a unica cousa que me pertence; deu-m'o minha mãe.

VIGARIO.

Agradeço-te por elles... Mas agora que me pareceis mais calmo, quero que me ouças. Deus não perdôa aquelles que vão á sua presença cheios de fel e rancôr. Teu pai...

AUGUSTO, agitado.

Não me falle desse homem; não me falle desse homem! (O commendador que tem prestado ouvidos, solta um ai e deixa cahir a cabeça entre as mãos.) Quem é que está aqui? Será elle?

VIGARIO.

Não; não está aqui. Em quanto o amaldiçoas, o desventurado chora lagrimas de sangue. (Entra Julia na saleta pelo F. á E.)

AUGUSTO.

Elle chorar! Não o conhece. Aquelles olhos nunca verteram pranto, aquelle coração nunca teve piedade. (Julia, que tem atravessado a saleta, encosta o ouvido á porta de comunicação.)

VIGARIO.

Vi as suas lagrimas, e que lagrimas doridas.

JULIA.

Oh! se eu ao menos pudesse ouvir o som de sua voz.

AUGUSTO.

Illudio-se, padre. Não eram lagrimas de dôr, foi de prazer que chorou. E a estas horas em que eu moribundo aos 23 annos me despeço da vida, elle folga reclinado sobre o seio dessa infame, que fez sua mulher.

JULIA.

Meu Deus!

VIGARIO.

Não imaginas, como pena essa malfadada, que assim tão desapiedadamente insultas. Sua alma está profundamente ferida.

AUGUSTO.

Ella não tem alma. Sabia como eu a amava; trahio-me; vendeu-se.

JULIA, abrindo a porta e entrando supplicante.

E' falso! Augusto. E' falso!

VIGARIO, levantando-se.

Senhora!

AUGUSTO, meio erguido com as feições transtornadas pela colera.

Sae, sae, miseravel!

JULIA, supplicante.

Padre!

VIGARIO.

Augusto!

AUGUSTO.

Ennegreceste a minha vida na sua aurora, pizaste a pés o meu coração, levaste-me ao suicidio, o que queres de mim!

JULIA, cahindo de joelhos.

O meu perdão!

AUGUSTO.

O teu perdão! Essa mulher está louca ou zomba de mim, padre. O teu perdão?! Pois não sabes que ha cousas que se não perdoam, crimes que se não esquecem?

JULIA.

Não sou criminosa.

AUGUSTO.

Não és criminosa? O que é que esta mulher sem pudor chamará crime? Sae, maldita, sae! Ah! pensavas que havias de gozar impunemente das galas e riquezas porque vendeste teu corpo e tua alma? Enganaste-te! Se no teu peito restar um pouco de consciencia, o remorso o hade rallar. No meio das festas ouvirás a minha maldição, e a sombra do meu cadaver empanará o brilho da tua felicidade.

VIGARIO.

Retire-se, minha filha, retire-se. Não vê como o está exasperando.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Quero justificar-me!

AUGUSTO.

Justificar-se! (Com riso ironico.) Justificar-se!... E' engraçado!

JULIA.

Sim, justificar-me! Augusto, tu que me amaste tanto, podes crêr que eu me vendesse?

AUGUSTO.

Creio.

JULIA.

Oh! como convencil-o? como convencil-o?

AUGUSTO.

E' impossivel. Enganaste-me outr'ora, não me enganarás hoje. Essas lagrimas são falsas; essa pallidez é mentida. Pintaste as faces no toucador onde outr'ora estudavas o teu sorriso de anjo.

JULIA.

Padre, diga-lhe que elle se engana...

Minha senhora....

VIGARIO.

AUGUSTO.

Acabemos com essa ridicula farça.

JULIA.

O que heide fazer! O que heide fazer! (Dando com os olhos no frasquinho que está na—table de nuit, tomando-o e lendo o letreiro). Ah! (Contente). Graças, graças! Augusto, essa riqueza pela qual, segundo dizes, troquei o teu amor; esse luxo porque me vendi, pertencem-me hoje, não é assim?

AUGUSTO.

Custaram-te apenas um crime, e um crime infame!

JULIA.

Que importa a moeda, pertencem-me.

AUGUSTO.

Quem o nega?

JULIA.

Pois bem. Vê o caso que dessas cousas faço; e pede perdão a Deus de me haver mal julgado. (Bebe o conteúdo do frasquinho).

AUGUSTO.

O que é isto?

JULIA.

Não é nada. Um pouco de laudano, dizem que isto mata depressa.

AUGUSTO.

Laudano! um veneno!

VIGARIO.

Julia, o que fez!

AUGUSTO.

Julia! Julia!

JULIA.

Queres-me ouvir agora? E' uma moribunda que falla a um moribundo, e nesses casos não se mente... Eu não sou culpada!

AUGUSTO.

Não és culpada... envenaste-te... e entretanto... Oh! tudo isto é incomprehensivel... Mas o que faz padre? Corra; chame o medico... Não vê que innocente ou culpada, seria um crime deixal-a morrer assim?

VIGARIO.

Eu vou filho, eu vou. (Sac F. á E.)

JULIA, feixando a porta de communicação.

Não ha nada que me possa salvar; d'aqui a alguns minutos estarei morta. A unica cousa que ambiciono é morrer perdoada por ti.

AUGUSTO.

Depois te justificarás. Quero que te salvem primeiro. (Gritando). Acudam, acudam!

JULIA.

Por piedade, ouve-me. E' preciso que eu te conte tudo, e a morte não espera.

AUGUSTO.

Eu te prometto, Julia... esforçar-me-hei e... talvez possa esquecer.

JULIA.

Não quero que te esqueças, quero que saibas; não te peço misericordia, peço-te justiça.

AUGUSTO.

Mas...

JULIA.

Attende-me. Partiste. Nunca mais me escreves-te nunca mais tive noticias tuas. Oito mezes depois disseram-me

que te tinhas casado. Esse boato espalhado pelo Comendador levou-me ás portas do tumulo:—adoeci gravemente...

AUGUSTO.

E foi essa calúnia que te decidiu?

JULIA.

Não.

AUGUSTO.

Então...

JULIA.

Escuta-me. Tínhamos deixado as terras do Turvo. Entretanto mais de uma vez vira eu o Comendador postado na estrada, ou escondido entre as arvores, com os olhos cravados na minha janella. Sorprehendeu-me essa espionagem; mas nada quiz dizer a meu pai com receio de irrital-o. Um dia, porém, passeava eu, ainda mal convalescida, pelo campo que ficava por traz da casa, e immersa em meus dolorosos pensamentos; tinha-me affastado um pouco, quando de repente senti um grande ruído; voltei-me, era o Comendador, que rompendo a mata de um salto achava-se junto de mim. Seu rosto afofueado, o brilho de seus olhos, o calor febril de suas mãos, que de subito apertaram as minhas, e o desvario que li em sua physionomia decomposta, metteram-me medo, dei um grito. Elle cahio de joelhos, e cingindo-me pela cintura, disse-me... Nem te posso referir o que, tão desconexas

eram as suas phrases, intermeadas de lagrimas e soluços, de supplicas e ameaças; mas bem vi que me fallava de amor, de paixão, e que propunha-me... cousas indignas. Horrorisada fiz um esforço para desenvencilhar-me de seus braços, e corri para junto de meu pai, a quem, n'um tremor nervoso que mal deixava-me articular as palavras, narrei essa scena que me enchêra de pavôr e nôjo ao mesmo tempo. (Pausa). Meu pai decidiu mudar-se o mais depressa possivel! Porém nessa mesma noite o Comendador entrou em nossa casa, acompanhado por seus capangas; amarrou meu pai e minha tia, que em vão tentaram resistir-lhe, e eu, amordaçada, fui por elle carregada, e atirada sem sentidos sobre seu leito, onde êbrio da paixão abusou da minha fraqueza...

AUGUSTO.

Que infamia! que infamia!

JULIA.

Escuta ainda. O que me restava fazer! Salvar a minha honra; não por mim, mas por meu pai, cujo desespero era extremo. A paixão que sem querer eu encutira no Comendador, fizera-o meu escravo. Exigi que me desposasse; elle obedeceu-me. Eis como sou tua madrasta Augusto; condemna-me, se pôdes! (Entram na saleta a E.—o Doutor, o Vigario, Salvador e Clara e dão com a porta de comunicação fechada.)

AUGUSTO.

Oh! como condemnar-te anjo do Céu, victima do mais nefando dos crimes! (Batem.) Porém batem; abre por piedade. (Querendo erguer-se cae) Não tenho forças!

SALVADOR.

D. Julia! (Bate e esforça-se para arrombar a porta.)

CLARA.

Minha mãe, minha mãe!

JULIA.

Então tu me perdoas?

AUGUSTO.

Oh! sim, do fundo d'alma!

JULIA.

Ah! (Salvador arromba a porta e entram todos no quarto.)

CLARA.

Minha mãe! (Indo ao irmão.) Augusto!

JULIA.

Sinto a vista turva... Eis a morte, ella vem. Bemdita seja! Porque elle, ouviram senhores, elle me perdoou! (Cae n'uma cadeira que Salvador lhe tem chegado.)

AUGUSTO.

Sim! sim! Doutor, salve-a. Tomou um vidro de remedio que estava á minha cabeceira.

DOUTOR, apanhando o vidro.

Nada resta; é impossivel.

AUGUSTO.

Impossivel! E de que lhe serve a sua sciencia?

JULIA.

E de que me serviria viver!

AUGUSTO.

Tens razão... Separaram-nos na vida, a morte nos unirá. (Arranca o aparelho do peito.) Vem morrer nos meus braços, Julia! vem...

JULIA, alegre.

Ah! (Caminha cambaleando para Augusto.)

COMMENDADOR, ergue-se e interpõe-se entre os dois.

Nunca!

AUGUSTO.

Sempre elle! (cae.)

CLARA, cahindo de joelhos á cabeceira e abraçando Augusto.

Meu irmão!

COMMENDADOR, chegando-se a Augusto.

Meu filho!

SALVADOR, tomando o pulso de Augusto.

Morto!

JULIA, amparada pelo Doutor em aflicção de agonia.

Já te não vejo Augusto; já te não ouço... a terra me foge debaixo dos pés... Augusto... Ai! (Cae.)

COMMENDADOR.

Julia!

DOUTOR, amparando Julia.

Dorme e não despertará mais.

COMMENDADOR.

Ambos mortos! E quem me hade perdoar?

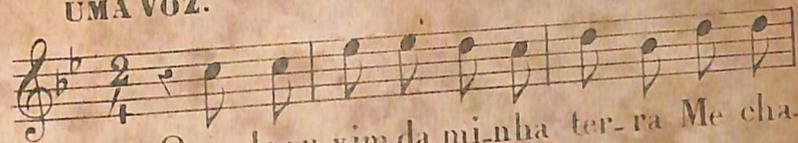
VIGARIO, pondo-lhe uma mão no hombro e com a outra apontando para o céu.

Deus!

FIM.

UMA VÓZ.

N.º 1.



Quando eu vim da mi-nha ter-ra Me cha-



-ma-vam ca-pi-tão A-go ra em ter-ra de

CÔRO.



bran-co Pu-xa en-xa-da pai Jo-aõ Le le



le la la Ri la la la ro A-go-ra em ter-ra de



bran-co Pu-xa en-xa-da pai Jo-aõ.

2.ª

Des que nasce até que morre
Leva o negro a trabalhar
Só depois no cemiterio
É que pode descansar.

CÔRO.

Le le le la
Ri la la la ro
Só depois no cemiterio
É que pode descansar.

PUNIÇÃO.

JULIA.

Nº 5.



